

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

A RACIONALIDADE ECONÔMICA DA POLÍTICA COMERCIAL NORTE AMERICANA EM RELAÇÃO À CHINA



Julia Spinoza Mota

No. de matrícula: 1810621

Orientador: Eliane Gottlieb

Rio de Janeiro

Julho de 2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

A RACIONALIDADE ECONÔMICA DA POLÍTICA COMERCIAL NORTE AMERICANA EM RELAÇÃO À CHINA



Julia Spinoza Mota

No. de matrícula: 1810621

Orientador: Eliane Gottlieb

Rio de Janeiro

Julho de 2022

Declaro que esse trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor.

As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor.

Agradecimentos

À minha família pelo apoio incondicional e por sempre acreditarem em mim. Em especial aos meus pais Sergio e Karla, por sempre me incentivarem a ser uma pessoa melhor e ao Aquiles, por ser meu eterno companheiro.

Ao meu namorado, Matheus, pela parceria e carinho em todos os momentos.

Aos meus amigos que marcaram para sempre os meus anos de faculdade.

A todos os professores que me lecionaram ao longo desses quatro anos. Em especial, a minha orientadora Elaine Gottlieb, por despertar o meu interesse pelo tema e apoiar o meu trabalho.

À PUC-Rio por ser o ambiente que representa tanto aprendizado e crescimento.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. BREVE PERSPECTIVA DO CRESCIMENTO CHINÊS (1949-2010).....	8
2.1 O PONTO DE PARTIDA (1949 - 1978).....	8
2.2 A ABERTURA AO EXTERIOR (1978 - PRESENTE).....	9
3. GUERRA TARIFÁRIA EUA X CHINA.....	14
4. RACIONALIDADE TEÓRICA POR TRÁS DO PROTECIONISMO.....	20
4.1 MODELO ECONÔMICOS.....	20
4.2 DECISÕES DE EXPORTAÇÃO.....	25
4.3 MEDIDAS PROTECIONISTAS: FAVORÁVEL OU DESFAVORÁVEL?.....	28
5. OS PRINCIPAIS EFEITOS DA GUERRA COMERCIAL.....	30
6. EXPECTATIVAS FUTURAS PARA O CONFLITO.....	35
7. CONCLUSÃO.....	36
8. BIBLIOGRAFIA.....	38

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Percentual dos investimentos no I Plano Quinquenal	8
Figura 2: Comércio de bens EUA-China (2000-2008)	11
Figura 3: Taxas de variação do PIB chinês por região (Em % a.a.)	13
Figura 4: China: Poupança e Investimento (Em % PIB)	13
Figura 5: Evolução da corrente de comércio - mundo, Estados Unidos e China, 2000-2009 (Em US\$ correntes)	14
Figura 6: Denúncias dos Estados Unidos no OSC durante os governos Bush e Obama (2001-2012)	15
Figura 7: Comércio Estados Unidos e China	16
Figura 8: Exportações chinesas afetadas pela guerra comercial	17
Figura 9: Dez principais importações dos EUA da China que enfrentaram aumento de tarifas de 10% a 25%	18
Figura 10: Efeitos de uma tarifa aduaneira de alimentos nos termos de comércio	22
Figura 11: Economias externas antes do comércio	23
Figura 12: A importância da vantagem estabelecida	23
Figura 13: Economias externas e perdas com comércio	24
Figura 14: Decisões de exportação com custos de comércio	25
Figura 15: Os efeitos de uma tarifa aduaneira	26
Figura 16: Custos e benefícios de uma tarifa aduaneira para o país importador	27
Figura 17: Os efeitos líquidos de bem-estar de uma tarifa aduaneira	28
Figura 18: Desaceleração do Crescimento Chinês	30
Figura 19: Balança comercial EUA X China (em US\$ bilhões)	31
Figura 20: Efeitos de desvio de comércio por economias e grupos regionais	32
Figura 21: Investimento direto bilateral (em bilhões de US\$)	33

1. INTRODUÇÃO

Os Estados Unidos e a China são duas potências que atualmente lideram o comércio mundial, fortemente impactando a economia de outros países. A relação entre esses dois países sofreu mudanças desde a abertura da economia chinesa em 1978, marcada principalmente com a entrada da China na OMC, Organização Mundial do Comércio.

O PIB chinês apresentou uma expansão média de 9% ao ano desde sua abertura comercial. Como consequência, o protagonismo americano na economia global vem sendo ameaçado pela China na última década devido ao seu rápido crescimento econômico e sua expansão tecnológica. Em resposta, observamos nos últimos anos uma tendência a adoção de medidas protecionistas como a taxaço de produtos importados pelo Estados Unidos. Após a eleição do ex-presidente Donald Trump em 2017, essas medidas foram reforçadas, objetivando a aceleração do crescimento econômico e da produção interna americana, por meio da redução das importações chinesa. Essas medidas foram responsáveis pelo início da “Guerra Comercial” e o atual cenário de tensão entre ambos os países, o que motivou a escrita dessa monografia.

Analisaremos como a transformação dessa relação impactou diretamente a economia americana. Para isso, observaremos o impacto das importações e exportações nas variáveis macroeconômicas, como o consumo, o investimento, a balança comercial e os gastos do governo. Afinal, conseguiremos concluir se a caminhada ao protecionismo econômico, contra a globalização, é de fato benéfica para os países?

Em 2020, os Estados Unidos elegeram o novo presidente, Joe Biden do partido democrata. Uma mudança na postura norte americana é esperada em relação as medidas protecionistas, todavia, não é possível afirmar que teremos uma transformação na política comercial. Apesar do que se espera, com o pouco tempo de governo, podemos estimar que não observaremos uma reforma na relação entre esses países.

Tendo em vista os mais recentes acontecimentos da “Guerra Tarifária” e a eleição de Joe Biden associado os resultados desse trabalho, vamos apontar as perspectivas de crescimento dos Estados Unidos e da China. Será possível que a China se torne a primeira economia do mundo, ultrapassando a economia americana?

O objetivo geral do trabalho é responder como a racionalidade da política comercial dos Estados Unidos em relação à China impactam a economia americana. A fim de responder à questão, o presente trabalho será dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo será abordado uma breve perspectiva histórica da ascensão da economia chinesa pós 76, a fim de entender o crescimento chinês, que levou o país a se tornar uma ameaça para a economia americana.

O segundo capítulo tratará, ainda que sucintamente, da “Guerra Tarifária” entre os países. O terceiro capítulo analisará teoricamente a racionalidade da política comercial protecionista americana. No seguinte capítulo, será feito um levantamento sobre os principais efeitos, positivos e negativos, da nova política tarifária para a economia americana. Por fim, no último capítulo, as últimas tensões do conflito serão atualizadas, assim como, as mais recentes perspectivas para fim do embate e o crescimento dos Estados Unidos e da China.

A curiosidade por economia internacional e política se iniciou antes mesmo do início do Curso de Graduação de Economia. Sempre com atenção no jornal, pois gostaria de ter uma segunda graduação em Jornalismo, as matérias sobre economia mundial são as que despertam o meu entusiasmo. No entanto, foi no curso de Economia Internacional da professora Eliane Gottlieb que confirmei meu interesse por política comercial e a relação entre os países, mais especificamente pelas grandes potências como Estados Unidos e China, que serão estudados nesse trabalho.

Em função do assunto ser extremamente atual e relevante, novas informações sobre o tema são constantes. Conseqüentemente, a metodologia para a realização do trabalho será a busca bibliográfica em base de dados diversas, como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e a OECD (The Organization for Economic Co-operation and Development).

Além disso, materiais divulgados recorrentemente informando mudanças na economia mundial, impactos da guerra tarifária entre EUA e China e outras informações relevantes para o tema também serão utilizados, como artigos da revista “The Economist”, artigos da ONU, Organização das Nações Unidas, e outras fontes de pesquisa, como teses e monografias já existentes.

Esse trabalho pretende revisar a literatura existente acerca do crescimento chinês, a fim de entender a relação com a economia americana e a sua transformação na última década. Em segundo lugar, busca apresentar teorias e os efeitos qualitativos que expliquem os impactos da racionalidade da política comercial americana em relação a economia chinesa, sob as variáveis macroeconômicas dos Estados Unidos. Por fim, analisar as perspectivas de crescimento para ambas as economias no curto e no longo prazo.

2. BREVE PERSPECTIVA DO CRESCIMENTO CHINÊS (1949-2010)

2.1 O PONTO DE PARTIDA (1949 - 1978)

Em 1949, a República Popular da China foi instalada por Mao Tse-Tung, líder do Partido Comunista, motivado a encerrar uma longa guerra civil e desenvolver a economia nacional. Anteriormente, o país era extremamente agrário e subdesenvolvido, marcado pela população rural, onde 90% da produção do país era oriunda da agricultura e o restante, era a participação industrial. Algumas medidas iniciais desse governo foram: o confisco do patrimônio de quatro grandes famílias chinesas e a sua conversão em uma economia nacional permitindo o controle estatal, a unificação das finanças e contenção da inflação, a reforma agrária e o apoio ao crescimento industrial¹.

A China iniciou seu Plano Quinquenal em 1952, cujo principal objetivo era priorizar a indústria pesada, concentrando 48% dos investimentos (como observado na figura 1). Para isso, o país passou por transformações na produção, almejando grandes avanços econômicos. O progresso na indústria siderúrgica é visto como peça-chave para o desenvolvimento econômico aliado com a descentralização da indústria das regiões costeiras. É importante ressaltar que o crédito para tal investimento era oriundo da agricultura, atividade a qual a produção e exportação na época ainda superavam a produção e a exportação industrial².

Figura 1 - Percentual dos investimentos no I Plano Quinquenal

Indústria	56,00%
Indústria pesada	48,00%
Transportes	18,70%
Agricultura e trabalhos hidráulicos	8,20%
Vários	17,00%

Fonte: BARBOSA, 2015²

Outro marco importante para o período do governo comunista de Mao Tse-Tung foi a medida que ficou conhecida como o “grande salto chinês”, uma campanha para acelerar rapidamente o crescimento econômico da China. Esperava-se que a produção de aço dobrasse de um ano para o outro, ou seja, que ela aumentasse de 5,35 milhões de toneladas em 1957 para 10,7 milhões em 1958, no entanto, o esperado não se tornou realidade. O crescimento previsto estava muito distante do possível, o que causou perdas para a economia chinesa, pois a eficiência econômica da produção industrial caiu ao invés de aumentar.¹

¹ ZHENG, Lu. O Caminho do Desenvolvimento Econômico Chinês. In: BELLUCCI, Beluce (org.). Abrindo os Olhos para a China. Rio de Janeiro: Editora Universitária Candido Mendes, 2004. p. 75-99.

² BARBOSA, Mateus R.S. I PLANO QUINQUENAL E A ASCENSÃO DA INDÚSTRIA NA CHINA. Anais da Caravana de 25 anos da ANPUH Pernambuco, Recife, PE, 2015. Anais da Caravana de 25 anos da ANPUH Pernambuco, 2015.

Durante o período de 1958 a 1962, a liquidez nacional decaiu a uma taxa anual média de 3,1%, o valor da produção agrícola decresceu em média 4,5% ao ano, o rendimento da safra agrícola em 1962 encolheu 18%, se comparada com a de 1958, e as produções de algodão e de óleos foram 54% e 52%, respectivamente, menores que as de 1957. Em 1961, o nível de consumo dos habitantes não rurais caíra 26,1% em relação a 1957.¹

A fim de contornar os problemas trazidos pelo “grande salto”, o governo tomou medidas para reorganizar a economia a partir de 1961. Entre essas medidas, as mais importantes, foram a desaceleração do desenvolvimento da indústria pesada e a consolidação da agricultura como pilar econômico.¹

Foi em uma reunião do Comitê Central do Partido Comunista Chinês (PPC) que Mao Tsé-Tung lançou em 1966 a campanha de reformar a cultura chinesa, combatendo o velho pensamento, a velha cultura, os velhos costumes e os velhos hábitos. Essa deveria então, ser substituída pelas ideias presentes em seu livro, “O Livro Vermelho”, que se tornou obrigatório nas escolas, no exército e em todas as instituições chinesas.³

A Revolução Cultural impôs um novo ritmo de vida à população chinesa, onde a tentativa de construção do socialismo estava associada à imagem de um “homem novo”, que serviria ao povo e aprenderia com as massas para promover um verdadeiro processo de transformação na sociedade. No entanto, a revolução que durou mais de 10 anos, teve forte consequências para a economia chinesa, entre 1967 e 1968 a renda nacional caiu de 7,4% para 6,5% e a produção caiu 13,6%.⁴

Desde a instauração da República Popular da China, com as influências comunistas, a economia chinesa sofreu intensa transformação nos meios de produção, nas relações de trabalho e na propriedade privada. Até 1957 a participação na economia capitalista já era de apenas 7% ao passo de que a participação da economia estatal aumentou mais de 10%.³

2.2 A ABERTURA AO EXTERIOR (1978 - PRESENTE)

O novo marco na economia chinesa foi liderado por Deng Xiaoping, responsável por materializar a decisão de incluir a China à economia mundial capitalista, caminho contrário das práticas do governo anterior de Mao Tse-Tung. Até então, o comércio era totalmente liderado e planejado pelo governo, e as exportações, eram efetuadas por empresas públicas.⁵

³ DA COSTA, Jales Jales Dantas (org.). Capitalismo Histórico e Alternativas: diálogos com Análises dos Sistemas-Mundo. 1. ed. [S. l.]: Mídia Gráfica e Editora, 2016. 212 p. ISBN 978-85-7320-088-1.

⁴ DE SANTANA, Cristiane Soares. Notas sobre a História da Revolução Cultural Chinesa (1966-1976). Revoluções no Século XX - nº 17, [s. l.], v. 17, 2009.

⁵ HERRERA, Rémy; LONG, Zhiming. O Enigma do Crescimento Chinês. Revista Pesquisa e Debate, São Paulo, v. 29, ed. 53, p. 8-22, 2018.

“A histórica 3ª Sessão Plenária do 11o Comitê Central do Partido, realizada em dezembro de 1978, tomou a decisão de corrigir, de forma extensiva, todos os erros da “Revolução Cultural” e os anteriores a ela, adotou a linha de “buscar a verdade dos fatos e emancipar a mente”, resolutamente descartou a linha de “considerar o conflito de classes como elo-chave” e decidiu adotar a estratégia política de direcionar o esforço de todo o partido para o desenvolvimento econômico e levar adiante a “política de reforma e abertura para o mundo exterior”.¹

Em 1979 o governo chinês deu início a diversas iniciativas para reformar a economia. Primeiramente, com processo de liberalização do sistema de formação de preços, que até então, eram fixados pelo governo chinês, se tornaram um sistema duplo. O governo fixava a cota de produção de cada comunidade que deveria ser disponibilizado a um preço predeterminado, o restante, era negociado no mercado. O processo, gradualmente, atingiu outros setores econômicos e foi responsável por provocar um aumento na produtividade rural.⁶

A abertura para o comércio exterior foi crucial para o crescimento do desenvolvimento da economia chinesa. As exportações e importações antes controladas pelo governo, cresciam de forma lenta. A partir de 1980, a China implementou a estratégia de substituição de importações, inicialmente nos setores os quais o país havia menos vantagem comparativa. Tal medida impactou as exportações em setores de mão de obra intensiva como a indústria têxtil, vestuários e calçados por exemplo.⁷

Concluída em 2001, a adesão da China à OMC é aspecto fundamental para se compreender as reformas mais recentes adotadas pelo país. Além de ser responsável por estimular reformas econômicas, garantiu aos exportadores do país acesso aos mercados dos seus principais parceiros comerciais, como os EUA e Alemanha. Diversas iniciativas foram tomadas para estimular o investimento externo direto (IED) na economia chinesa. Entre 2003 e 2006, esse fluxo foi responsável por acumular US\$ 231 bilhões.⁸

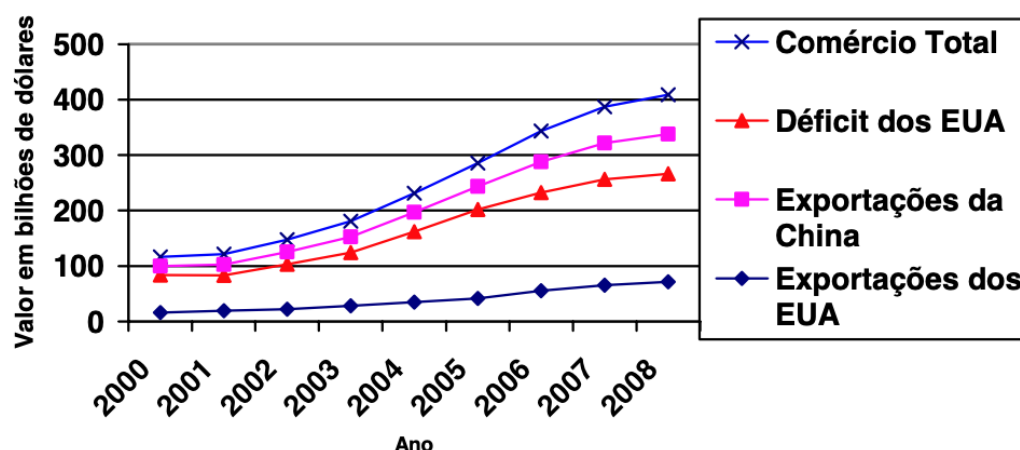
O comércio bilateral de bens e serviços entre EUA e China chegou a US\$ 417 bilhões em 2007. As exportações totais dos EUA corresponderam a US\$ 79 bilhões e as importações a US\$ 330 bilhões, resultando em um déficit comercial de US\$ 251 bilhões naquele ano. No ano seguinte, a China tornou-se o segundo maior parceiro dos EUA no comércio de bens, atrás apenas do Canadá, com US\$ 409,2 bilhões nas trocas totais. Os EUA firmaram-se, por sua vez, como principal parceiro comercial e principal mercado para a China. Como demonstrado na figura 2 a seguir, a evolução do comércio bilateral de bens entre os países desde o início do século XXI mostra taxas expressivas de crescimento das exportações norte-americanas, das exportações chinesas e, em consequência, do comércio bilateral total⁸.

⁶ NONNENBERG, M. J. B. (2010). China: estabilidade e crescimento econômico. *Brazilian Journal of Political Economy*, 30(2), 201-218.

⁷ SHENG BIN. *China's Trade Development Strategy and Trade Policy*, 2015. Ft April 2015 Draft Paper Subject to final edit and design CHINA'S TRADE DEVELOPMENT STRATEGY AND TRADE POLICY REFORMS: Overview and prospect, [S. l.], 2015.

⁸ BRANDENBURG, A. C.; SAMBATTI, A. P. Discussão dos determinantes do investimento externo direto na China a partir dos anos 1990. *Revista Ciências Sociais em Perspectiva*, v. 7, n. 13, p. 69-87, 2008.

Figura 2 - Comércio de bens EUA-China (2000-2008)



Fonte: LEÃO, Bruno Guerra Carneiro⁹

Os US\$ 71,5 bilhões em bens exportados pelos EUA em 2008 representam um crescimento de 650% em comparação com 1994. As exportações dos EUA para a China representaram 5,4% das vendas externas do país em 2008, crescimento de 1,8% em relação dos 3,6% de 1994. No mesmo ano, a economia chinesa exportou US\$ 409,2 bilhões de bens, um aumento de cerca de 770% nos mesmos 14 anos. Em 2008, as vendas da China responderam por 16,1% das importações dos EUA.

A transformação mais notável do comércio bilateral foi o rápido aumento das exportações e do superávit da China em produtos de tecnologia avançada. Isso porque, até 2004, o principal componente dos superávits comerciais da China com o comércio global eram as exportações de bens manufaturados de baixa tecnologia, explicado pela mão de obra abundante e capital escasso, característicos do país. No entanto, atualmente, produtos manufaturados de maior valor agregado correspondem a mais da metade das exportações chinesas.

Além disso, o governo estabeleceu quatro zonas econômicas especiais (ZEEs), Shenzhen, Zhuhai, Shantou e Xiamen, todas localizadas no litoral sul. São áreas específicas administradas pelo Estado que oferecem incentivos para atrair investimentos externo, impulsionar as exportações e importar produtos de alta tecnologia. As zonas se desenvolveram rapidamente gerando milhões de empregos e ampla transferência de tecnologia, além de produzir mão de obra melhor qualificada⁸.

A existência de uma grande população rural com baixa produtividade tornou possível o deslocamento dessa massa para as cidades, que mesmo com a alta demanda, ganhavam salários baixos. O êxodo rural foi expressivo e entre 1978 e 2006 o número de

⁹ LEÃO, B. G. C. As relações econômicas EUA-China no início do século XXI: análise à luz das dinâmicas concorrentes da geopolítica e da globalização. Brasília, 2009. 224p. Tese (doutorado) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília.

trabalhadores nas cidades aumentou cerca de 197%. Assim, a ampla oferta de mão de obra barata e produtiva também foi atrativo para capital estrangeiro⁶.

A China é mundialmente conhecida por possuir uma grande vantagem comparativa: o baixo custo da mão de obra. De acordo com o Anuário de Estatísticas da China de 2002, citado em Shenkar (2005), o valor pago pela hora trabalhada na manufatura chinesa foi de US\$ 0,69, enquanto no Brasil e nos Estados Unidos, pagou-se, respectivamente, US\$ 2,57 e US\$21,33 pela hora de trabalho na manufatura⁸.

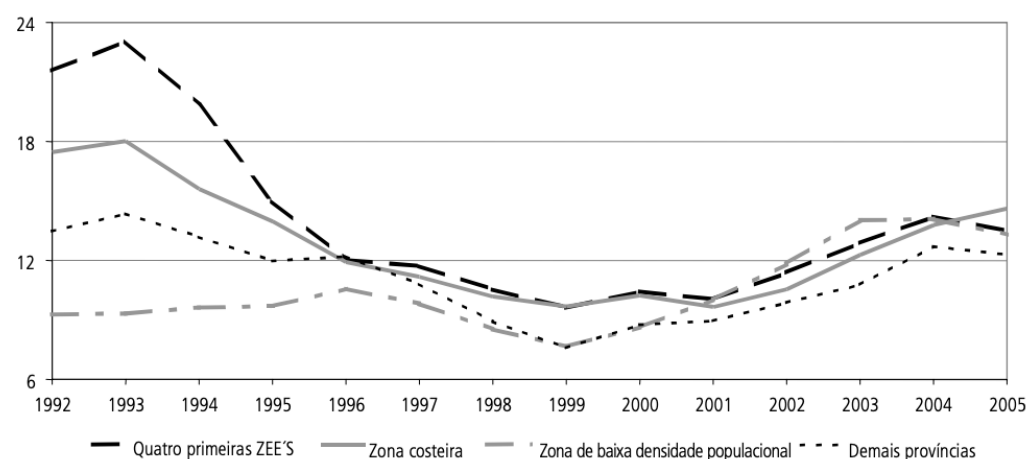
*“Os bons resultados obtidos nessas áreas levaram o governo chinês a criar, em 1984, outras 14 ZEEs semelhantes, ao longo do litoral. As áreas disponíveis para investimentos estrangeiros expandiram-se rapidamente, atingindo todo o litoral, no final da década de 1980, e alcançando o interior do país na década seguinte”.*¹⁰

Conforme observado na figura 3, apresentada por Nonnemberg (2008) a diferença do produto interno bruto entre 1992 e 2005 das ZEEs e das outras regiões. Fica evidente que nos primeiros anos da criação das zonas econômicas especiais, na década de 1990, a diferença do PIB é maior. Nos anos seguintes a diferença diminui, o que é explicado pela expansão das áreas disponíveis para investimento estrangeiro.¹⁰

Outro fator crucial que explica o crescimento chinês é a acumulação de capital. A China é um país que historicamente mantém uma alta taxa de poupança, em 1979 a poupança como porcentagem do PIB já era de 32%, no período, gerada pelo lucro das estatais e utilizadas para investimento interno (figura 4). No entanto, as reformas econômicas foram responsáveis pelo aumento da poupança das famílias chinesas e da poupança corporativa, que fez com que a poupança bruta da China em relação ao PIB se tornasse a mais alta entre as principais economias. O alto nível de poupança interna permitiu alto nível de investimento, além disso, permitiu que o país se tornasse um credor mundial.⁶

A abertura econômica, a criação das zonas econômicas especiais e a acumulação de capital são os principais fatores que explicam o aumento da produtividade e o crescimento econômico chinês de, a uma taxa real de 10% nas últimas três décadas. Em termos de riqueza absoluta, a China se tornou o maior PIB mundial em poder de paridade de compra já em 2014, enquanto em dólares, seu PIB (US\$ 13,5 trilhões em 2018) é equivalente ao dos próximos quatro países juntos (Japão, Alemanha, Reino Unido e França). Nesses anos, o país asiático passou a atrair indústrias do mundo inteiro. Mas por quê? Podemos explicar o interesse na economia chinesa pelo perfil da mão de obra, como vimos ainda nesse capítulo, e as políticas regulatórias do país.

¹⁰ NONNENBERG, Marcelo Braga (org.), et al. O crescimento econômico e a competitividade chinesa. Rio de Janeiro, IPEA 2008.

Figura 3 – Taxas de variação do PIB chinês por região (Em % a.a.)**Figura 4 – China: Poupança e Investimento (Em % PIB)**

	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Governo	5,9	6,1	5,1	4,6	5,1	5,6	5,3	5,7	6,2	7,6	7,5	7,0	6,5	6,9
Famílias	21,1	18,9	20,9	19,0	20,1	20,6	20,4	18,4	16,0	16,2	19,2	18,3	17,4	18,4
Empresas	13,4	15,8	15,6	15,8	12,8	14,6	14,3	14,2	15,2	15,1	14,7	17,5	20,6	23,0
Poupança doméstica	40,4	40,9	41,5	39,4	38,0	40,8	40,0	38,2	37,4	38,9	41,4	42,8	44,6	48,2
Investimento	36,2	43,0	40,9	40,4	39,1	37,7	37,2	36,8	35,7	37,5	38,9	40,0	41,0	41,0
Saldo em conta corrente	4,2	-2,2	0,6	-1,0	-1,2	3,1	2,9	1,4	1,7	1,3	2,4	2,8	3,6	7,2

Fonte: NONNENBERG, Marcelo Braga¹⁰

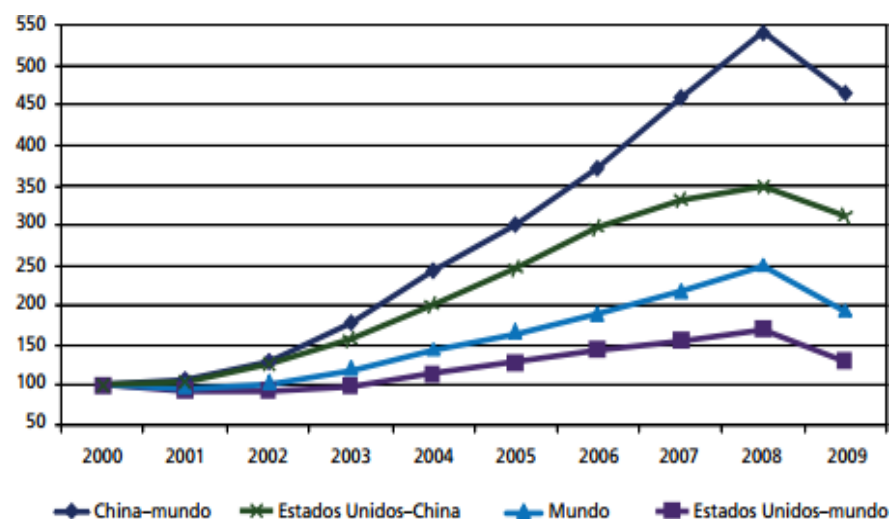
Desde o início do processo de atração do IED na década de 1970, o principal incentivo para que os estrangeiros investissem na China foi o fiscal. O governo incentivou o IED em determinadas regiões do país, especialmente aquelas de menor desenvolvimento econômico e setores voltados para exportação, de alta tecnologia e de infraestrutura. Além disso, ocorreu uma diferenciação na cobrança do imposto de renda das empresas de capital estrangeiro voltadas para a produção interna, para as empresas de alta tecnologia e para as empresas voltadas para a exportação¹⁰.

A economia chinesa surpreendeu o mundo nas últimas três décadas com seu desempenho econômico, que a transformou de simples figurante em ator essencial no cenário global, atrás somente dos Estados Unidos. Sendo assim, conseguimos entender e explicar a ameaça da nova potência para a economia americana, como estudaremos nos próximos capítulos.

3. GUERRA TARIFÁRIA EUA X CHINA

A disputa comercial entre EUA e China, teve início após o exponencial crescimento da economia chinesa e a percepção de ameaça para a liderança estadunidense no comércio mundial (figura 5). Esse período ocorreu durante governo do presidente americano George W. Bush (ano 2001 a 2008) gerando uma série de críticas ao então presidente, incluindo a criação do termo “*China Shock*” que remete ao impacto negativo que a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001 representou para a indústria e o mercado de trabalho norte-americano. Foi durante esse mandato que o governo chinês saiu de sua instância doméstica para conseguir se tornar em 2010 a segunda maior economia do mundo¹¹.

Figura 5: Evolução da corrente de comércio - mundo, Estados Unidos e China, 2000-2009 (Em US\$ correntes)



Fonte: PINTO, 2011¹².

Durante a campanha presidencial americana de 2008 o partido democrata já deixava claro que teria uma nova abordagem a essa relação comercial. Diante da crise que o país enfrentava naquele período, a necessidade da criação de empregos era um tema urgente. Nesse momento a China tornava-se uma preocupação para a política externa dos Estados Unidos, diante da crise do *subprime*, quando o governo chinês com sua forte estratégia de gastos chamou atenção do mundo, acendendo o alerta do governo americano para a ameaça da China a sua liderança. Obama, enfrentou essa ameaça utilizando ferramentas institucionais, chegando a demandar onze vezes contra a China no Sistema de Solução de Controversas na OMC (figura 6)¹³.

¹¹ DORN, D.; HANSON, G. H. The China Shock: Learning from Labor-Market Adjustment to Large Changes in Trade. *Annual Review of Economics*, v. 8, n. 1, p. 205–240, 31 out. 2016.

¹² PINTO, Eduardo Costa. *China na Nova Configuração Global*. Brasília: IPEA, 2011. *A China na Nova Configuração Global - Impactos Políticos e Econômicos*.

¹³ MENDONÇA, F.; LIMA, T. A política comercial dos Estados Unidos no governo Obama: heranças, estratégias e desafios. In: MORAES, R. C. C. de; MENEZES, H.Z. (Org.). *A economia política do governo Obama*. João Pessoa: Editora UFPB, 2017.

Figura 6: Denúncias dos Estados Unidos no OSC durante os governos Bush e Obama (2001-2012)¹³

Presidente	Total de denúncias dos EUA	Denúncias direcionadas à China	Percentual de participação chinesa
George W. Bush (2001-2008)	21	6	29%
Barack Obama (2009-2012)	11	7	64%

Fonte: MENDONÇA, F.; LIMA, T. A.¹³

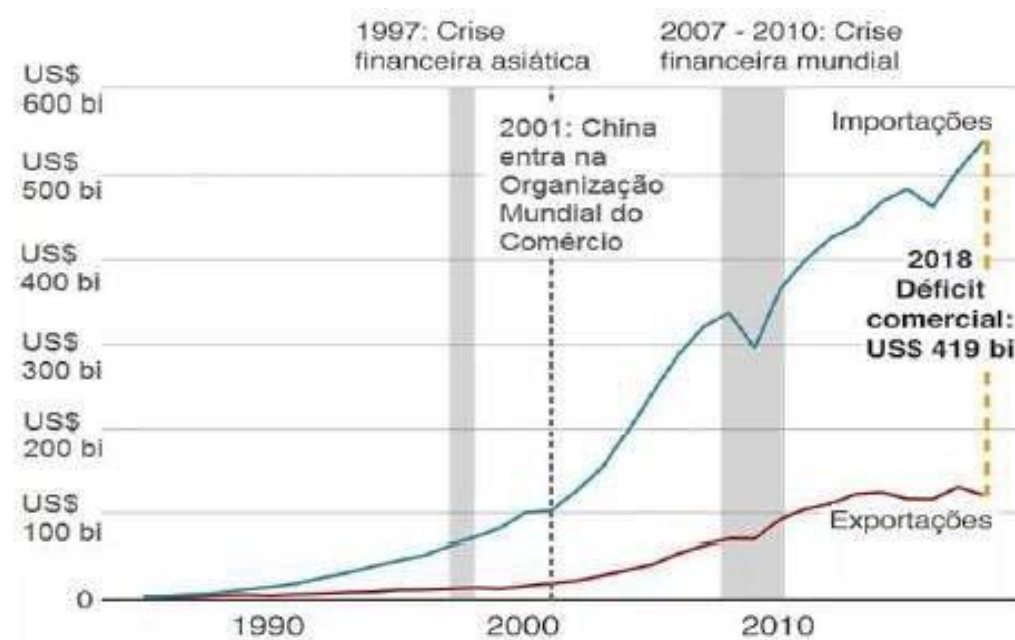
O acordo Transpacífico de Cooperação Econômica (TPP), outro legado desse governo, foi segundo Pecequilo, a estratégia dos Estados Unidos de contenção do crescimento da China através da aproximação dos países do entorno chinês, a exemplo do Japão. O intuito desse acordo era de isolar a China e fortalecer os câmbios econômicos com outros parceiros da região, de modo a diminuir a dependência norte-americana das exportações chinesas. Assim, pode-se entender o TPP como uma tentativa do governo americano de pressionar indiretamente a China. Contudo, após anos de negociações do governo Obama para a criação de tal acordo, três dias após sua posse, Donald Trump optou por sair do TPP sob pretexto de que o tratado traz perdas para a indústria e os trabalhadores norte-americanos^{14,15}.

A campanha eleitoral de Trump já enfatizava temas relacionados ao comércio internacional. O déficit da balança comercial, que vem crescendo desde o final da década de 80, (figura 7), a manipulação cambial e os acordos comerciais desfavoráveis para os EUA, foram as principais questões desse tema. Após a vitória do presidente Donald Trump ocorreram as maiores mudanças desde a normalização das relações comerciais entre EUA e China. Os EUA utilizaram leis antidumping e de direito compensatório, e diversos outros mecanismos de defesa comercial ao seu alcance, contribuindo para a revisão de acordos bilaterais e regionais. Essas ações, por parte do governo Trump, iniciaram a Guerra Comercial entre esses dois países. O termo foi definido por Havráneková e Dvorský, é quando países atacam mutuamente o comércio do outro impondo tarifas e cotas tendo o protecionismo como efeito adverso¹⁶.

¹⁴ PECEQUILO, Cristina Soreanu. Os Estados Unidos de H. Bush a Donald J. Trump (1989/2017): Dinâmicas Políticas de Consenso e Polarização. Revista Esboços, Florianópolis, v. 24, n. 38, p. 339-359, dez. 2017

¹⁵ LAMARQUE, K. Trump assina retirada dos EUA da Parceria Transpacífico - Exata News

¹⁶ HAVRÁNEKOVÁ, Michaela; DVORSKÝ, Tomás. The United States – China trade war. Policy Paper, January/2019

Figura 7: Comércio Estados Unidos e China

Fonte: BBC News¹⁷

Sob a bandeira "*America First*", as ações dos EUA começaram em 6 de julho de 2018, com tarifas sobre 818 exportações chinesas, sendo as mercadorias de setores aeroespacial, informação e comunicação, robótica, maquinário industrial e automobilística os produtos mais taxados, contabilizando um valor de US\$ 34 bilhões. Após a primeira rodada de tarifas em julho de 2018, a Representação Comercial dos EUA divulgou, no mesmo mês, uma lista de produtos chineses que poderiam ser alvo de tarifas extras de 10%. Assim, concretizando as duas primeiras rodadas tarifárias, que totalizaram US\$50 bilhões em tarifas. A terceira rodada, em setembro, equivalente a US\$ 200 bilhões, focou em uma ampla variedade de produtos, englobando bens de consumo como bonés, TVs e alimentos, enquanto as anteriores concentraram-se em produtos industrial, como disposto na figura 8.¹⁸

A China iniciou a retaliação contra os produtos americanos após o anúncio das novas tarifas de US\$ 200 bilhões para exportações chinesas. Em setembro de 2018 o ministro do Comércio chinês, declarou que as tarifas seriam elevadas de 5% para 10% em US\$ 60 bilhões de produtos, incluindo mais de 5.000 bens exportados pelos EUA. A represália chinesa a terceira rodada tarifária americana adicionou 5% sobre pequenas aeronaves, computadores e têxteis e, adicionou 10% as tarifas de químicos, carne, trigo e vinho. Houve ainda, adição, entre 5 a 10%, as tarifas de laticínios, suco de laranja, carros elétricos e equipamentos médicos²⁰.

¹⁷ PALUMBO, D.; DA COSTA, A. N. 5 gráficos para entender a guerra comercial entre China e EUA. BBC News Brasil, 13 jan. 2019

¹⁸ PAUTASSO, D. et al. três dimensões da guerra comercial entre China e EUA. Carta Internacional, v. 16, n. 2, p. e1122, 1 jul. 2021.

Figura 8 – Exportações chinesas afetadas pela guerra comercial

PRIMEIRA E SEGUNDA RODADA (julho e agosto 2018)	TERCEIRA RODADA (setembro 2018)
Reatores nucleares Motores de barcos, aeronaves Peças de motores Compressores de ar e gás Equipamento de aquecimento industrial Balanças para pesagem de equipamentos industriais de grande porte Guindastes e equipamentos de elevação Veículos de construção de grande porte Peças de perfuração de petróleo e gás Veículos agrícolas e equipamentos para criação de gado Máquinas para processamento de alimentos e fabricação de papel cartão Peças de impressoras e copiadoras Máquinas para processamento e moldagem de metais ou cimento e suas partes Máquinas para fabricação de produtos de vidro e para fabricação de artigos de borracha ou plástico Rolamentos de esferas Geradores e Transformadores de eletricidade Imãs industriais Baterias de lítio e outras baterias Fornos Industriais Radar e equipamento de rádio Peças para televisores Equipamento de gravação de vídeo Sinais de tráfego eletrônico Equipamentos elétricos (resistores/disjuntores) LEDs Trens e peças de trilhos Veículos de grande porte Alguns carros e caminhões, motocicletas, helicópteros, aviões e espaçonave Microscópios e telescópios Equipamento de imagem e navegação Equipamentos médicos (raios X/marcapassos) Equipamentos científicos, como medidores de pressão e espectrômetros	Carne, peixe e frutos do mar Produtos animais sem carne Legumes, Frutas, Nozes e Cereais Sementes oleaginosas Açúcares e doces Pães e Massas Legumes e frutas preparados Outros itens alimentares Bebidas e vinagres Resíduos de processamento de alimentos e ração animal Produtos de tabaco Sais e Minerais Minérios, escórias e cinzas Combustíveis minerais e óleos Produtos químicos orgânicos Fertilizantes Óleos essenciais, perfumes Sabonetes e produtos de limpeza Colas, adesivos e enzimas Fluido de isqueiro Bens fotográficos Plásticos, Borracha, Couros e Madeira Papel, Seda, Produtos de cabelo de lã ou animal Algodão, Linho, Têxteis e produtos têxteis Chapelaria, Pedra, gesso, cimento, amianto Cerâmica, Vidro Pedras preciosas e pérolas Ferro e aço e produtos derivados de metais Cobre, Níquel, Alumínio Produtos de metal, ferramentas, talheres, Máquinas industriais e de varejo Eletrônicos, Veículos e peças Paraquedas Navios e barcos Instrumentos para fins científicos ou médicos Relógios, Móveis, roupas de cama, Itens diversos

Fonte Bryan, Martin e (2018) ¹⁹.

¹⁹ BRYAN, W. M., Bob. China hits back at Trump with tariffs on \$60 billion of US goods.

Entre dezembro de 2018, uma trégua foi estabelecida durante a Cúpula do G20 em Buenos Aires, quando Estados Unidos e China acordaram em atenuar as tensões comerciais entre os países. Ficou estabelecido em declaração emitida pelo governo americano que a elevação das tarifas impostas a partir de 2019 seriam canceladas e novas taxas não seriam implementadas em um período mínimo de 3 meses. A China, em contrapartida prometeu aumentar a compra de produtos agrícolas americanos visando atenuar o desequilíbrio da balança comercial entre os dois países. Entretanto, após uma tentativa de acordo em abril de 2019, em maio de 2019 Trump, elevou as tarifas de 10% para 25% sobre os US\$ 200 bilhões de importações já afetadas (figura 9) e indicou uma possibilidade de taxar produtos não taxados como brinquedos e roupas²⁰.

A resposta dos chineses a essas medidas foi o anúncio de elevação de tarifas sobre US\$ 60 bilhões de importações americanas, medida que se confirmou no dia primeiro de junho de 2019 com a elevação de tarifas sobre US\$ 36 bilhões do total denominado em setembro de 2018. Em agosto de 2019, Trump anuncia a intensão de impor tarifas de 10% e não 25%, como antes ameaçado – sobre os produtos os produtos chineses não relacionados nos US\$ 300 bilhões em importações anteriores²⁰.

Figura 9: Dez principais importações dos EUA da China que enfrentaram aumento de tarifas de 10% a 25% (maio 2019)



Fonte: Comissão de Comércio Internacional dos EUA.

O fim da trégua em 2019 aumentou o foco no tema tecnologia, quando em maio de 2019 o governo americano adicionou a *Huawei* e suas empresas afiliadas como empresas não permitidas para compras pelo governo americano, alegando que tal empresa ameaçava a segurança do país. Esse novo foco nas empresas tecnológicas, demonstrou a insatisfação de Donald Trump com o plano de implementação tecnológica chinês, conhecido como “Made in China 2025”, que promove a ideia de desenvolver alta tecnologia no país para produção de carros elétricos, robótica e inteligência artificial. Com a intenção de deteriorar a indústria chinesa, o presidente americano acusou a China de violar normas que regulam a segurança de dados dos consumidores. Em resposta a essas acusações, o governo chinês garantiu que as informações estavam protegidas e impôs outra série de tarifações à aproximadamente 5 mil itens fabricado nos EUA e divulgou uma relação de empresas americanas que poderiam representar alguma ameaça para os chineses. Em junho do mesmo ano, as negociações entre os países foram retomadas e as retaliações contra a empresa chinesa *Huawei* abrandadas^{21,20}.

Logo após a diminuição das tensões envolvendo a empresa de tecnologia chinesa, o presidente americano, de forma não aguardada impõe mais 10% de tarifas a US\$300 bilhões de mercadorias de origem chinesa²². Assim, a China suspende a compra de mercadorias agrícolas americanas e utilizando-se da flexibilidade monetária, desvaloriza o yuan no valor mais baixo em 11 anos, chegando a 7 yuans por dólar, o que levou ao presidente dos EUA acusar a China de manipulação cambial. Após novas tarifas adicionais impostas pelo governo chinês e o consequente novo aumento tarifário anunciado pelo governo americano em outubro de 2019, uma trégua é dada pelos chineses em setembro do mesmo ano, levando ao governo americano a eliminar tarifas de aproximadamente 430 itens chineses²¹.

Em outubro de 2019, a trégua entre esses dois países permitiu iniciar as negociações da “Fase 1”. E em dezembro, Trump anunciou o cancelamento das imposições contra produtos chineses agendadas para o mês, devido ao encaminhamento do acordo. A assinatura oficial foi firmada após meses de tensão, o resultado foi US\$ 550 bilhões de tarifas dos EUA destinadas à China e US\$185 bilhões de tarifas chinesas voltadas para os Estados Unidos. A primeira fase desse tratado representou um passo importante para o fim do conflito. Entre as pautas abordadas nesse documento constam o compromisso de propriedade intelectual entre ambas as partes, a proibição de transferência de tecnologia entre empresas desses dois países, a promessa de aumentar a compra de produtos agrícolas dos EUA, abertura para entrada de investimentos na China e a exclusão do título de “manipulador de moeda” dado a China pelo governo americano²².

²⁰ MCBRIDE, J.; CHATZKY, A. Is “Made in China 2025” a Threat to Global Trade?

²¹ BBC NEWS. Por que os EUA consideram a Huawei uma ameaça à segurança nacional.

²² OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE. Economic and trade agreement between the United States of America and the people’s Republic of China. [S.L: S.N.].

4. RACIONALIDADE TEÓRICA POR TRÁS DO PROTECIONISMO

4.1 MODELO ECONÔMICOS

Existem inúmeros modelos diferentes para analisarmos o comércio internacional. No entanto, cada modelo deixa de abordar aspectos práticos importantes para compreendermos a realidade. Esses modelos são: o modelo ricardiano, o modelo de fatores específicos e o modelo de Heckscher-Ohlin.

No modelo ricardiano, as possibilidades de produção são determinadas pela alocação da mão de obra entre os setores. A teoria principal desse modelo é a vantagem comparativa, que se baseia no retorno constante de escala, ou seja, se as entradas para uma indústria forem dobradas, as saídas também serão dobradas. A principal questão é que nesse modelo não podemos discutir sobre a distribuição de renda. O modelo de fatores específicos inclui múltiplos fatores de produção, mas alguns são específicos dos setores nos quais são utilizados. O modelo apenas apresenta as consequências em curto prazo do comércio na distribuição de renda. O modelo de Heckscher-Ohlin explica como os múltiplos fatores de produção podem mover-se através dos setores. As diferenças da disponibilidade desses fatores nos países guiam os padrões de comércio. Esse modelo também apresenta as consequências em longo prazo do comércio na distribuição de renda²³.

Apesar da diversidade e da complexidade dos modelos que abordam o tema, ao analisarmos os problemas reais, devemos basear nosso entendimento na mescla desses modelos. Apesar das diferenças entre os modelos, podemos concluir através das semelhanças que a capacidade produtiva de um país é resumida por sua fronteira de possibilidade de produção e as diferenças nessas fronteiras originam o comércio²⁵.

Krugman desenvolveu o modelo padrão de uma economia de negociação mundial. Com base nesse modelo, buscamos reconhecer como mudanças em termos de comércio e crescimento econômico afetam o bem-estar de nações comprometidas com o comércio internacional. Na década dos anos 90, alguns alarmistas acreditavam que o crescimento das economias recém industrializadas poderia representar um risco para o sucesso das nações desenvolvidas. Essa visão foi compartilhada por 62% dos participantes de uma pesquisa realizada pela CBS em 2008, com a seguinte pergunta: “Você acha que a expansão econômica recente em países como a China e a Índia tem sido, em geral, boa, má ou não teve efeito na economia dos EUA?”²⁵.

²³ KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M.; MELITZ, M. J. *International Economics: theory & policy*. Harlow, England: Pearson, 2018.

Em 2004, Paul Samuelson exemplificou, com base no modelo ricardiano, como o progresso tecnológico em países em desenvolvimento, cujo setores competem com as exportações, prejudica países desenvolvidos. Tal estudo, favorecido pelo reconhecimento do economista, foi utilizado por diversos políticos na época para apoiar argumentos em favor de políticas protecionistas. Se tal afirmação for verdadeira, deveríamos observar números negativos para os termos de comércio de países desenvolvidos e números positivos para os termos de comércio dos novos competidores. Ao observamos a evolução desses termos para os Estados Unidos e a China, notamos que as flutuações anuais nos termos de comércio para a economia americana são relativamente pequenas. Além disso, os termos de comércio da China se deterioraram na última década²⁴.

As tarifas de importação ou os subsídios à exportação são instrumentos, usados pelo governo, de política comercial que visam impactar e corrigir a distribuição de renda, a balança de pagamentos ou a promoção de produtos específicos. A característica distintiva das tarifas aduaneiras e dos subsídios à exportação é a de que eles criam uma diferença entre os preços nos quais os bens são comercializados no mercado mundial e os preços nos quais as mercadorias podem ser compradas dentro de um país. O efeito imediato das tarifas é tornar os bens importados mais caros dentro de um país do que no exterior. Os subsídios à exportação incentivam os produtores a exportar. Portanto, será mais rentável vender para o exterior do que nacionalmente, a não ser que o preço interno seja maior, então tal subsídio aumenta o preço dos bens exportados dentro de um país²⁴.

No caso de grandes economias exportadoras ou importadoras, como é o caso dos EUA e China, as mudanças de preço causadas pelas tarifas alteram tanto a oferta quanto a demanda relativa nos mercados mundiais. O resultado é a mudança nos termos de comércio mundial. Como visto no capítulo anterior, a “guerra tarifária” entre esses países é extremamente importante para a economia mundial, visto que tais medidas protecionistas causam diferentes impactos para os principais países envolvidos diretamente e indiretamente com o comércio de ambos²⁴.

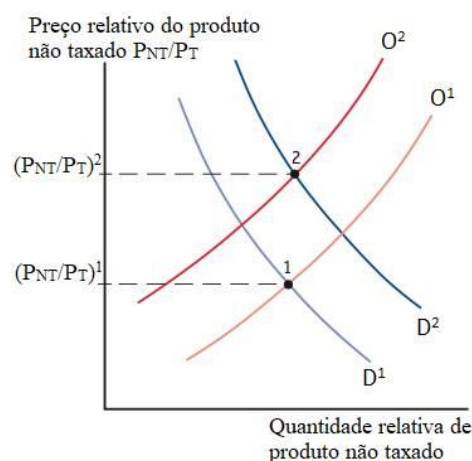
Tarifas e subsídios levam ao atrito entre o preço dos bens comercializados internacionalmente, e o preço pelo qual eles são comercializados no mercado interno. Ao analisarmos os efeitos de uma tarifa sob a importação, buscamos entender como essa tarifa afeta a oferta relativa e a demanda de um país como uma função dos preços externos²⁴.

Como vimos capítulo 3, em julho de 2018, Trump impôs tarifas de importação de 10% que afetaram diversos produtos exportados pela China. Segundo a teoria do modelo padrão de economia estudado por Krugman, a taxa de 10% no valor de importação dos produtos listados significa que o preço interno, em relação aos produtos que não foram impactados pela taxa, é 10% mais alto do que o preço relativo externo no mercado mundial. De forma equivalente, o preço relativo interno do produto não taxado, será menor do que o preço relativo do mercado externo²⁴.

Supondo que a alocação da mão de obra migra entre os setores da economia e dado que o preço interno dos produtos não taxados é menor que o preço relativo externo, a indústria produzirá menos os produtos que não foram taxados e mais os produtos taxados,

influenciados pelo aumento do preço desses. Ao mesmo tempo, os consumidores dos EUA mudarão seu consumo em direção aos produtos não taxados e se distanciarão dos produtos taxados. Do ponto de vista do comércio mundial, a oferta dos produtos não taxados irá diminuir (do ponto O^1 para O^2 , no na figura 10) enquanto a demanda relativa pelo mesmo aumentará (do ponto D^1 para D^2). Sendo assim, o preço relativo mundial desses produtos aumenta de $(P_{NT}/P_T)^1$ para $(P_{NT}/P_T)^2$, e por consequência, os termos de comércio dos EUA melhoram à custa da China²⁴.

Figura 10: Efeitos de uma tarifa aduaneira de alimentos nos termos de comércio



Fonte: KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M.; MELITZ, M. J, 2018²⁵

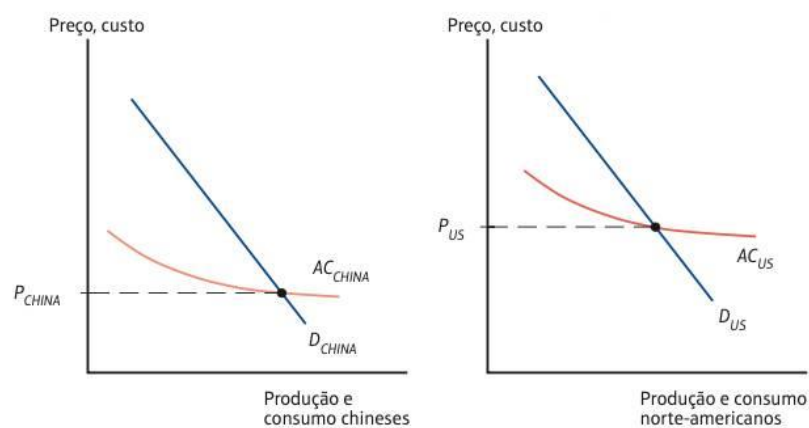
O efeito dos termos de comércio depende de quão grande é a tarifa aduaneira e o tamanho do país no comércio mundial. Algumas estimativas, em Krugman, sugerem que uma taxa de 20% dos Estados Unidos poderia aumentar seus termos comerciais em 15%. Isso significa que o preço das importações americanas em relação às exportações podem cair até 15% no mercado mundial, enquanto o preço relativo das importações subiria somente 5% dentro dos Estados Unidos²⁴.

Além de tal modelo, é crucial analisar o caso do modelo de economias externas de escala, o qual a produção é mais eficiente quanto maior for a escala na qual se situa. Em uma economia de escala, dobrar as entradas nas indústrias vai mais do que dobrar sua produção. As economias externas de escala acontecem quando o custo por unidade depende do tamanho do setor, mas não necessariamente do tamanho de alguma empresa. Em uma imagem comum do equilíbrio de mercado, a curva de demanda está inclinada para baixo, enquanto a curva de oferta está inclinada para cima. Contudo, na presença de economias externas de escala, existe uma curva de oferta em queda futura: quanto maior for a produção da indústria, menor vai ser o preço pelo qual as empresas vão querer vender, porque seu custo médio de produção cai ao passo que a produção da indústria aumenta²⁴.

As economias de escala fornecem um incentivo para o comércio internacional, que desempenha um papel crucial: ele torna possível para cada país produzir uma variedade restrita de mercadorias, mantendo a diversidade de produtos. Em Krugman, analisamos um exemplo de economia de escala sem e com comércio internacional²⁴.

Primeiramente, foi suposto que os EUA e a China não negociavam entre si e os preços no mercado chinês eram menores que os preços no mercado americano. Assim, o equilíbrio na indústria mundial deveria parecer-se com a situação mostrada na figura 11. Tanto na China quanto nos Estados Unidos preços de equilíbrio e produção estariam no ponto onde a curva de oferta nacional intercede com a curva de demanda nacional. No segundo cenário, ao acrescentarmos o comércio entre ambos, a indústria chinesa se expande, enquanto a economia americana encolhe. Isso ocorre porque o aumento da produção do país asiático leva a uma redução dos seus custos e o inverso acontece na economia americana, a redução na produção leva a um aumento nos custos²⁴.

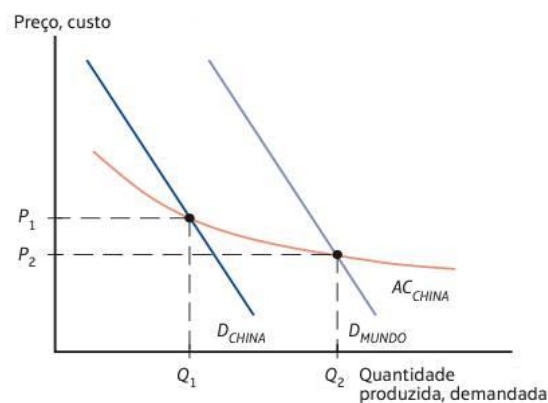
Figura 11: Economias externas antes do comércio



Fonte: KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M.; MELITZ, M. J, 2018²⁵

Os efeitos da concentração da produção são observados na figura a seguir. Antes da abertura do comércio, a China abastecia somente seu mercado nacional. Após a abertura, fornece também para o mercado mundial, produzindo tanto para consumidores chineses quanto norte-americanos. Além disso, como a curva de oferta chinesa está em queda futura, o aumento de produção, como resultado do comércio, leva a um preço menor do que o anterior ao comércio.

Figura 12: A importância da vantagem estabelecida



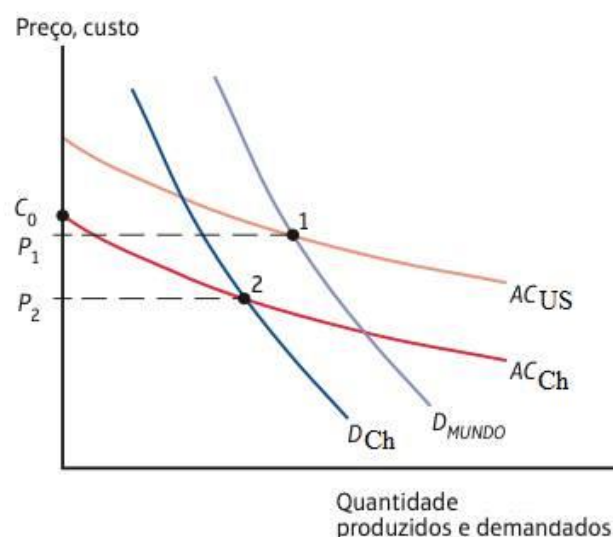
Fonte: KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M.; MELITZ, M. J, 2018²⁵

Os resultados observados para o modelo de economia de escala são diferentes dos observados no modelo padrão de comércio. Se o produto não taxado for mais barato na economia interna do que na externa o efeito do comércio é de aumentar os preços internamente e diminuí-los externamente. No exemplo de economia de escala, o efeito do comércio é a redução dos preços em ambas as economias. Essa diferença acontece, pois, nas economias externas de escala o comércio internacional possibilita a concentração da produção mundial em uma única economia, e assim, reduzir os custos²⁴.

Em geral, podemos considerar que as economias externas de escala levam a ganhos de comércio acima daqueles referentes à vantagem comparativa. O mundo é mais eficiente e, portanto, mais rico porque o comércio internacional permite que as nações especializem-se em diferentes indústrias e, assim, colham os frutos das economias externas bem como os da vantagem comparativa. No entanto, o comércio baseado nas economias externas pode deixar o país em pior situação do que na ausência de comércio²⁴.

Supondo que a tanto a China quanto os EUA possam produzir máquinas, que a China pode produzi-los de forma mais barata e que os EUA começaram a produzir primeiro, vamos analisar as perdas do comércio nas economias de escala. Se não existisse um comércio entre esses países, a China seria forçada a ser autossuficiente e o equilíbrio chinês seria o ponto 2 na figura 13, onde o preço é menor que o preço das máquinas americanas, por causa da curva de custo médio menor. Nesse cenário, a China tem incentivo a proteger a produção de máquinas da competição internacional. Apesar desse argumento parecer ser uma justificativa ao protecionismo, na realidade é extremamente difícil identificar as economias externas de escala²⁴.

Figura 13: Economias externas e perdas com comércio



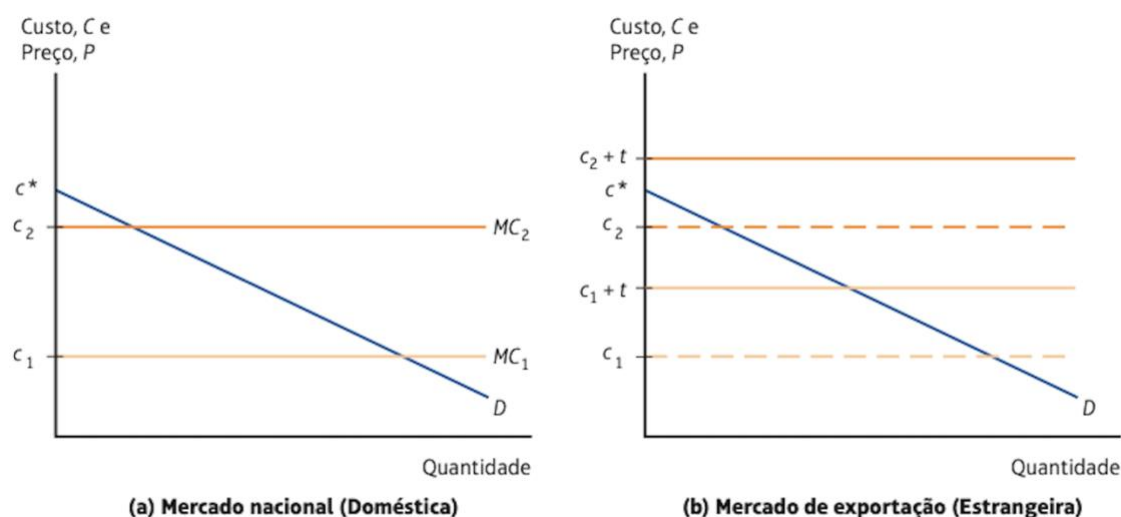
Fonte: KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M.; MELITZ, M. J, 2018²⁵

4.2 DECISÕES DE EXPORTAÇÃO

Outros fatores de extrema importância para o comércio internacional são os custos do comércio e as decisões de exportação. Inicialmente, supomos que ao decidir exportar, a indústria está sujeita a um custo adicional t para cada unidade produzida. Como consequência, observamos preços diferentes para o mercado de exportação em relação ao seu mercado nacional, e por isso, quantidades diferentes vendidas e diferente níveis de lucro em cada mercado²⁴.

Ao analisarmos as decisões de exportação levando em consideração os custos do comércio, devemos supor que uma indústria não pode operar no mercado quando o seu custo marginal é aumentado acima do seu nível limiar, c^* . Na figura 14, observamos que ambas as empresas podem operar no mercado nacional, uma vez que seus custos marginais estão abaixo da curva c^* ($c_2 < c^*$). No entanto, ao incluirmos o custo t , observamos que a empresa 2 não pode operar no mercado internacional, uma vez que seu custo, $c_2 + t > c^*$. Por outro lado, a empresa 1 consegue operar lucrativamente no mercado internacional dado que $c_1 + t < c^*$.

Figura 14: Decisões de exportação com custos de comércio



Fonte: KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M.; MELITZ, M. J, 2018²⁵

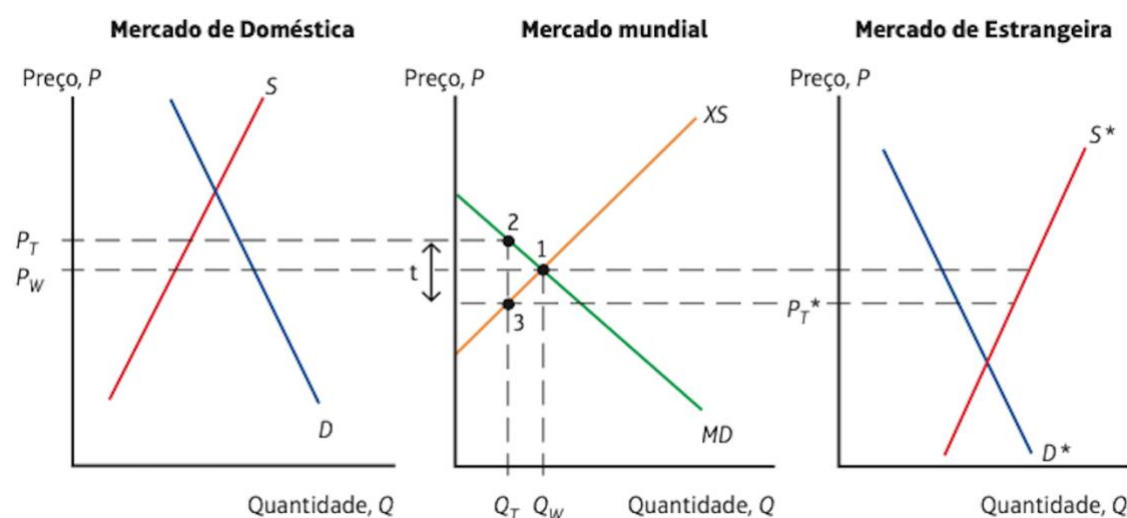
Os custos de comércio explicam por que apenas um grupo de empresas exporta, e porque, geralmente, esse grupo consiste em grandes empresas mais produtivas e com custos de produção menores. Além disso, como os mercados não são perfeitamente integrados por meio de comércio sem custo, as empresas são capazes de escolher diferentes preços para diferentes mercados. As firmas optam por uma margem de lucro baixa no mercado de exportação em relação à sua margem de lucro no mercado nacional. Por sua vez, isso implica que a empresa define um preço de exportação menor que o preço nacional. Essa prática foi intitulada de *dumping*.²⁴

²⁴ WOLFFENBÜTTEL, Andrea. O que é? – Dumping. Revista Desafios do Conhecimento. 2006. Ano 3. Edição 18 - 1/01/2006

Tal “manobra” das indústrias exportadoras é considerada pela maioria como uma prática de comércio injusta. Nos Estados Unidos, o Departamento de Comércio e a Comissão de Comércio Internacional são os responsáveis por recorrer as autoridades internacionais e procurar indenização por perdas e danos contra a empresa prejudicada no território nacional. As leis de *antidumping* permitem que as empresas isolem-se dessa competição aumentando os custos dos seus concorrentes²⁵.

As tarifas aduaneiras são a forma de política de comércio mais antiga são tradicionalmente utilizadas como fonte de renda do governo. As tarifas aduaneiras *ad valorem*, utilizadas na Guerra Comercial, são impostos cobrados como uma fração do valor das mercadorias importadas. Na ausência da tarifa de importação, o preço seria igual para o mercado americano e o mercado chinês, como vemos no ponto 1 da figura 15. Ao introduzir uma tarifa aduaneira, a indústria chinesa só tem estímulos para exportar para os EUA caso o preço na economia americana seja superior ao preço no seu próprio mercado, por pelo menos os custos de comércio (t). Todavia, sem a exportação, existiria um excesso de demanda americana e de oferta chinesa. Assim, o preço no mercado nacional aumentará e no mercado chinês cairá até que a diferença no preço seja t ²⁴.

Figura 15: Os efeitos de uma tarifa aduaneira



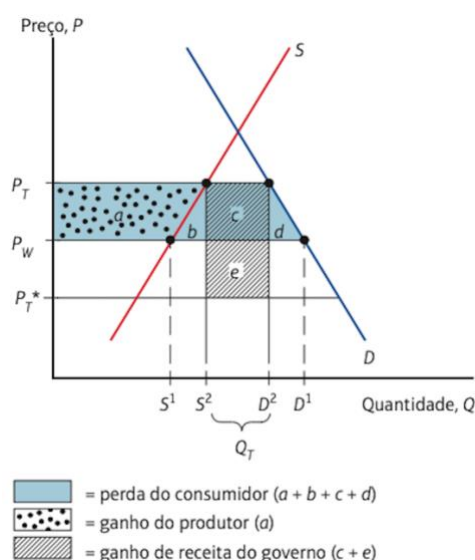
Fonte: KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M.; MELITZ, M. J, 2018²⁴

O preço no mercado nacional aumenta para P_T e o preço no mercado estrangeiro baixa para P_T^* . Nos EUA, os produtores ofertam mais a um preço maior, mas os consumidores demandam menos, de forma que, as importações também são menos demandadas (observado na alteração do ponto 1 para o ponto 2). Na China, os preços mais baixos levam a uma redução da oferta e um aumento da demanda, portanto, uma oferta de exportação menor (observado na alteração do ponto 1 para o ponto 3). Assim, a adoção de tal política comercial reduz o volume comercializado com a tarifa aduaneira, aumenta o preço da mercadoria no país importador e diminui o preço no país exportador²⁴.

Para comparar os custos e benefícios de uma tarifa aduaneira precisamos ter como base os conceitos de excedente do consumidor e do produtor. O excedente do consumidor mede o ganho do consumidor ao computar a diferença entre o preço que ele realmente paga e o preço que ele estaria disposto a pagar. Já o excedente do produtor, é o benefício obtido pelas firmas através da venda em um determinado mercado onde os preços estão acima da curva de custo marginal²⁴.

Os custos e benefícios de uma tarifa para o país importador são ilustrados na figura 16. Como observamos na figura anterior a tarifa aumenta o preço na economia nacional, mas reduz o preço na economia chinesa, a produção americana aumenta, porém o consumo cai. O ganho dos produtores nacionais é calculado pela área A, eles se beneficiam com um ganho maior proporcionado pelo aumento do preço. Os consumidores americanos, entretanto, são prejudicados pelo aumento do preço e seu excedente cai, a diferença entre o excedente do consumidor antes e depois das tarifas pode ser calculado pela soma das áreas a+b+c+d. Somado a tais excedentes, observamos também o benefício para o governo, com a coleta da receita da tarifa, igual a soma das áreas c + e²⁴.

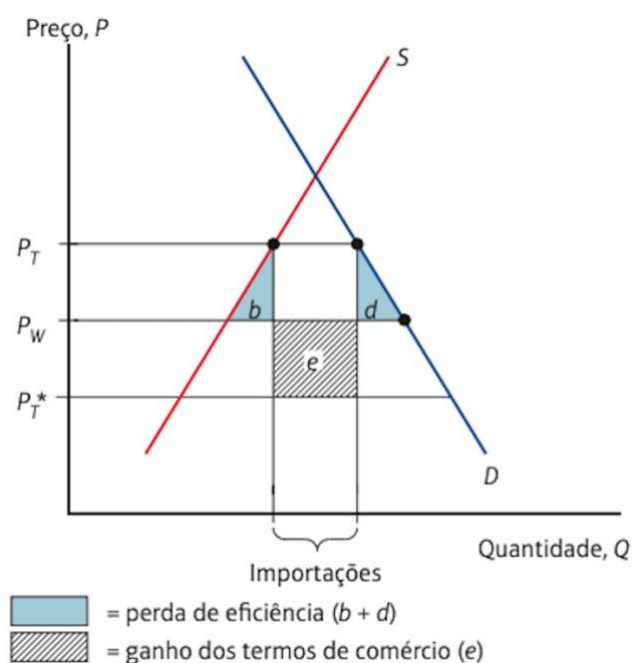
Figura 16: Custos e benefícios de uma tarifa aduaneira para o país importador



Fonte: KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M.; MELITZ, M. J, 2018²⁴

Os efeitos líquidos do bem-estar da tarifa podem ser resumidos na figura 17. Os negativos consistem em dois triângulos b e d. O primeiro triângulo é a perda por distorção de produção, que resulta do fato de que a tarifa aduaneira leva os produtores nacionais a produzirem muito dessa mercadoria. O segundo triângulo é a perda de distorção de consumo nacional, que resulta do fato que a tarifa aduaneira leva os consumidores a consumirem pouquíssimo da mercadoria²⁴.

Figura 17: Os efeitos líquidos de bem-estar de uma tarifa aduaneira



Fonte: KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M.; MELITZ, M. J, 2018²⁴

4.3 MEDIDAS PROTECIONISTAS: FAVORÁVEL OU DESFAVORÁVEL?

O protecionismo comercial é, em sua grande maioria, sujeito a lobbies setoriais que fazem pressão pela defesa de empregos em determinadas indústrias via subsídios à produção e restrições quantitativas, como quotas e tarifas contra as importações. Como já discutido nos capítulos anteriores, os EUA assumem a forma de abusivas medidas antidumping ou dos direitos compensatórios²⁵

Afinal, cabe o questionamento se as medidas protecionistas são, de fato, positivas ou negativas para a economia americana. Apesar de poucos países praticarem o livre comércio, a maioria dos economistas aborda o modelo do livre comércio como uma política almejável. Essa teoria é apoiada pelo argumento dos ganhos de eficiência do livre comércio, os ganhos adicionais além dessa análise formal e a dificuldade de analisar profundamente as políticas reais.

Um argumento válido para o desvio do comércio é de que os países podem melhorar seus termos de comércio por meio de tarifas aduaneiras e taxas de exportação. O outro argumento para o desvio do livre comércio baseia-se nas falhas de mercado interno. Se determinado mercado nacional, como o mercado de mão de obra, não funcionarem adequadamente, desviar-se do livre comércio pode ajudar a reduzir as consequências desse problema. No entanto, apesar das falhas de mercado serem comuns, o argumento de falha de mercado interno não deve ser aplicado de forma imprecisa, pois é difícil analisar bem o suficiente as falhas de mercado para garantir que políticas apropriadas sejam recomendadas²⁵.

Alguns novos argumentos para a intervenção do governo no comércio surgiram nos últimos 25 anos. A teoria da política comercial estratégica propôs razões de porque os países poderiam ganhar em promover indústrias específicas. Durante a década de 90, novas críticas à globalização ganhavam força. O foco de tais críticas eram os efeitos sobre os trabalhadores em países desenvolvidos, com baixos salários e péssimas condições de trabalho. Adicionado a isso, a mudança climática oriunda da globalização e as novas formas de produção, características do século XXI.

5. OS PRINCIPAIS EFEITOS DA GUERRA COMERCIAL

A economia americana apresentava uma alta taxa de crescimento do PIB desde 2016, conseqüentemente, o cenário era de inflação e desemprego controlados. O presidente eleito em 2018 afirmava que o bom resultado econômico era fruto de seu mandato, em especial a sua política externa protecionista orientada para a China. No entanto, em termos gerais, não podemos afirmar que o cenário otimista da economia norte-americana tenha sido gerado por apenas uma medida isolada, quando na verdade, o que se percebe é um conjunto propício que faz Donald Trump encerrar seu primeiro mandato com bons índices na economia. Como visto nesse estudo, o crescimento chinês representava uma grande ameaça para o governo americano, em especial para Trump. Apesar de ser difícil confirmar tal associação feita pelo então presidente, as tarifas impostas à China levaram, de fato, a um crescimento menor da economia do país em 2019, como pode ser observado na figura 18.²⁵

Figura 18: Desaceleração do Crescimento Chinês



FONTE: BBC NEWS²⁶

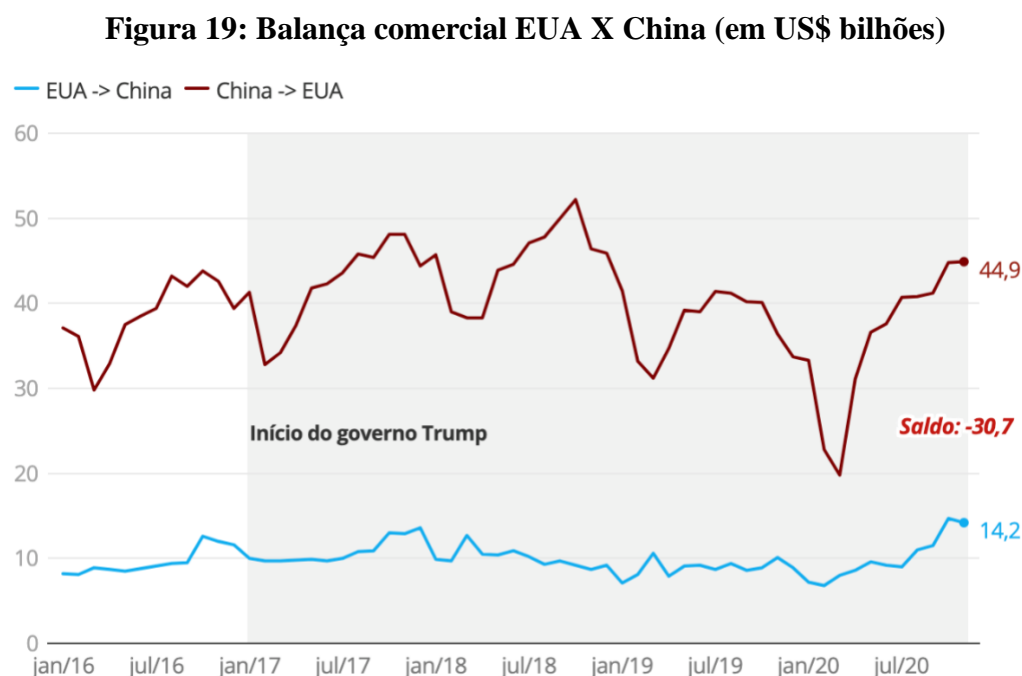
De acordo com dados oficiais do Escritório Nacional de Estatística da China, o PIB de 2019 teve um crescimento de 6,1% em relação à 2018, valor que representa o pior índice do país em 29 anos. Mesmo com índices mais baixos, é importante ressaltar que o crescimento do PIB da China é um dos maiores do mundo em comparação a outros países, e mesmo em queda superou o crescimento americano no mesmo período. Apesar da guerra comercial ter gerado incerteza para ambas as economias, existem outros fatores que podem colaborar para o entendimento da queda do crescimento chinês. A China sofre com diversos desafios para o seu crescimento

²⁵ RIBEIRO L. 2020. A guerra comercial entre Estados Unidos e China: uma análise acerca da estratégia econômica do governo Trump diante da ascensão chinesa

²⁶ BBC NEWS. Economia da China cresce no menor ritmo desde os anos 1990: por que isso pode afetar o Brasil?

como a supercapacidade industrial, a necessidade de uma reforma no mercado de trabalho, as bolhas imobiliárias, o protecionismo e a barreira para investimento externo, a fuga de capitais, e por último, mas não menos importante, o problema da dívida.

A abordagem inicial para o início das práticas comerciais protecionistas adotadas pelo governo americano foi o tema do alto déficit comercial entre os Estados Unidos e China. O cenário atual reflete que houve realmente uma queda no déficit estadunidense em termos comerciais com a China em 2019, mas ainda continuou maior que o nível do déficit em 2016, como observamos na figura abaixo. Tais dados podem ser vistos pela administração de Trump como um efeito positivo, contudo, não necessariamente a indústria e o mercado foram beneficiados por essa tendência. Mesmo antes da pandemia de covid-19 provocar uma grande recessão econômica, a China já conseguia resistir às taxações de Trump e quando o país asiático conseguiu controlar o vírus, a demanda por equipamentos médicos e para o trabalho à distância aumentou seu superávit com os EUA.

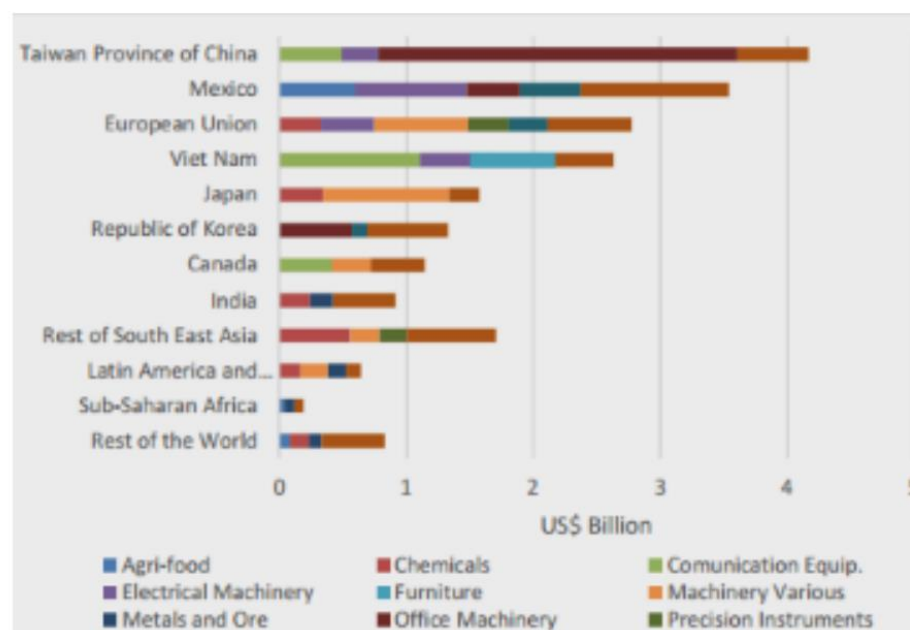


FONTE: BLOOMBERG, 2021²⁸

De acordo com o relatório de Alessandro Nicita (2019), publicado pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD)²⁷, um dos efeitos da guerra comercial tem sido o "desvio comercial", processo o qual os importadores a fim de evitar as tarifações, adquirem os produtos de outros países. A figura 20 mostra quais foram os principais países que começaram a vender mais produtos para os Estados Unidos e quais os setores que se destacaram nesse período.

²⁷ Nicita A., Trade Analysis Branch Division on International Trade and Commodities UNCTAD. Trade and trade diversion effects of United States tariffs on China.

Figura 20: Efeitos de desvio de comércio por economias e grupos regionais



FONTE: NICITA A. 2019; RIBEIRO L. 2020

Após caírem por dois anos seguidos em 2015 e 2016, os embarques totais da China cresceram em todos os anos do mandato de Trump, incluindo 2019, quando as exportações para os EUA caíram. Isso pode ser explicado pois um grupo de dez países integrantes da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), que substituiu os EUA como segundo maior parceiro comercial da China em 2019²⁸. As exportações para o Vietnã cresceram 16,7% no ano, enquanto as para Filipinas, Malásia e Cingapura cresceram 16,3%, 14,9% e 11,6%, respectivamente. Como resultado, a participação americana nas importações e exportações chinesas declinou para 11,8% em 2019. Enquanto isso, a União Europeia e a ASEAN aumentaram suas participações no comércio com a China, ultrapassando os Estados Unidos como responsáveis por 14% das importações e exportações chinesas²⁹.

Taiwan, México, União Europeia e Vietnã, têm absorvido a demanda da economia americana, por terem produtos mais atrativos do que as mercadorias chinesas tarifadas. Essas circunstâncias reforçam que a tentativa de diminuir o comércio com a China podem ter funcionado, mas não necessariamente foram capazes de garantir o crescimento das vendas do mercado interno estadunidense. Entretanto, os efeitos do desvio do comércio não são completos, uma vez que esses países não conseguem absorver toda a demanda por falta de estrutura do comércio e fornecedores. Mesmo assim, é possível assegurar que os terceiros países se beneficiam da situação comercial.

²⁸ BLOOMBERG. China derrota Trump na guerra comercial

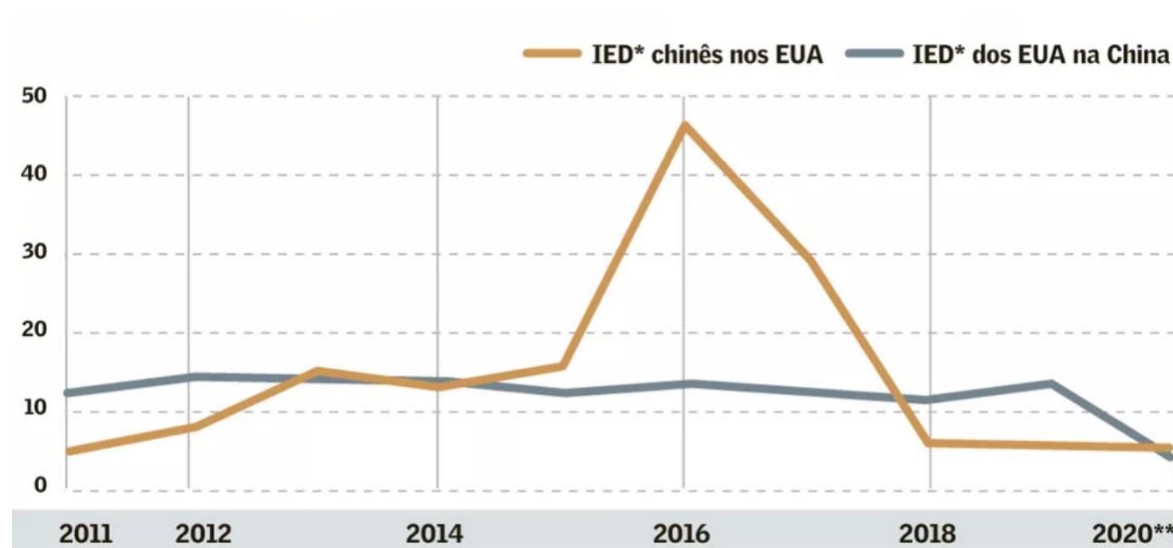
²⁹ NIKKEI ASIAN REVIEW. China recorre ao Sudeste Asiático em tempos de disputa com os EUA.

Após o anúncio dos acordos da primeira fase aliviar grande parte da escalada esperada para o conflito, a expectativa era de uma retomada no investimento empresarial nos Estados Unidos, impulsionando o crescimento econômico em 2020. Uma pesquisa realizada pelo Wall Street com 71 economistas empresariais, financeiros e acadêmicos, constatou que a maioria dos economistas esperava que o PIB dos EUA continuasse aumentando, em um ritmo lento, durante o ano. Nessa mesma pesquisa, 81% dos economistas atribuiu as políticas comerciais de Donald Trump como aspecto negativo ou fortemente negativo do seu mandato.³⁰

As políticas comerciais protecionistas de Trump visavam ajudar as cidades industriais e a produção interna prejudicada pela concorrência com a China e outros países que possuíam menor custo de produção à custa da mão de obra barata. O setor industrial eliminou mais da metade dos trabalhadores entre 1979 e 2009, porém o nível de emprego no setor começou a subir em 2010 e se estendeu durante todo o governo de Donald Trump. No entanto, a crise da covid-19 somado a guerra tarifária foram responsáveis pela desaceleração do crescimento das exportações a partir de 2018, e assim, os níveis de emprego no setor caíram para níveis comparáveis aos dos anos 1940³¹.

Um dos principais objetivos com a guerra tarifária iniciada por Donald Trump era incentivar as empresas americanas a manterem suas produções locais. Em 2019, ele “ordenou” em uma rede social que as empresas buscassem imediatamente uma alternativa à China. No entanto, existe pouca evidência de que essa mudança ocorreu, uma vez que o investimento direto dos EUA na China cresceu de US\$ 12,9 bilhões em 2016 para US\$ 13,3 bilhões em 2019 como observamos na figura 21, segundo dos dados do *Rhodium Group*. Tal crescimento pode ser explicado pelo rápido crescimento do mercado consumidor chinês e a capacidade produtiva do país²⁹.

Figura 21: Investimento direto bilateral (em bilhões de US\$)



FONTE: BLOOMBERG, 2021²⁹

³⁰ DOW JONES NEWSWIRES. Acordo com a China deve impulsionar PIB dos EUA, veem economistas.

³¹ HILSENATH, J. Covid-19 abala legado econômico de Trump.

Trump afirmou que as tarifas estimularam a economia dos EUA, ao mesmo tempo que levaram a China a ter em 2019 “seu pior ano em mais de 50 anos”. Apesar da declaração do presidente, estima-se que os impactos diretos da guerra tarifária foram pequenos para ambas as economias, uma vez que o valor das exportações entre eles é pequeno em relação ao PIB. Segundo Yang Zhou, economista da Universidade de Minnesota, a China cresceu em torno de 6% em 2018 e 2019, com as tarifas custando ao país cerca de 0,3% do PIB nesses anos. Além disso, ela estima que a guerra comercial custou aos EUA 0,08% do PIB no mesmo período²⁹.

Economistas analisaram que, em geral, os exportadores chineses não reduziram os preços para manter seus produtos competitivos com as novas tarifas. Isso significa que as tarifas dos EUA foram pagas por empresas e consumidores americanos, resultando em uma perda de renda anual de US\$ 16,8 bilhões em 2018, segundo o National Bureau of Economic Research. Somado a esse fato, as tarifas retaliatórias da China reduziram as exportações americanas pois os EUA tiveram que aumentar os custos de seus próprios produtos ao impor sobretaxas às importações de componentes chineses. Segundo estudo de dados confidenciais das empresas feitas pelo National Bureau of Economic Research, Census Bureau e o Federal Reserve, empresas que juntas respondem por 80% das exportações dos EUA tiveram de pagar preços mais altos pelas importações chinesas, reduzindo o crescimento das exportações. Todo esse cenário reflete que as tarifações resultam no aumento dos preços para os consumidores norte-americanos. De modo geral, o mercado anteriormente atendido pela produção chinesa, vê a necessidade de migrar para outros fornecedores, fator que influencia no preço de produção das indústrias americanas. Até então, percebe-se que uma das principais perdas dos Estados Unidos em relação à guerra comercial tem sido relacionada ao aumento desses preços para o consumidor final²⁹.

Contudo, os atuais acordos e tréguas entre ambos os países levaram os chineses a mudarem algumas políticas econômicas, como a intenção chinesa de enquadrar em questões internacionais mais amplas que se referem à acessibilidade ao mercado, proteção de propriedade intelectual, questões financeiras, técnicas e até mesmo comerciais. No entanto, mesmo com os acordos da fase 1, nota-se que a China não está disposta a mudar pontos estruturais que exigem maiores reformas, visto que o estado chinês continuará a fazer grandes investimentos na economia, principalmente no desenvolvimento tecnológico que tem sido fomentado em sua maior parte por meio de subsídios e políticas de apoio²⁸.

Com dada percepção do mercado observamos uma mudança na postura do presidente durante sua campanha para reeleição em 2020. Era claro o silêncio sobre o déficit comercial dos EUA com a China, uma vez que quando comparado com 2016, a redução foi de apenas US\$ 2 bilhões. O seu concorrente direto as eleições, Joe Biden, prometia ainda na campanha eleitoral um novo começo para os EUA e suas relações com o mundo³².

³² SEVASTOPOULO, D.; WILLIANS, A. Sem reduzir o déficit, Trump para de falar do comércio com a China. 2020

6. EXPECTATIVAS FUTURAS PARA O CONFLITO

O presidente eleito em 2021, Joe Biden, marca uma nova fase para o conflito EUA-China. Apesar do que se esperava, o governo do novo presidente não foge da relação conflituosa entre ambas as potências, uma vez que não rompeu com a política comercial de sobretaxação aos produtos chineses. A representante comercial dos EUA, Katherine Tai, declarou que o acordo entre os países não lidou de forma significativa com as preocupações sobre as práticas comerciais da China. Sendo assim, a relação entre os EUA e China continua sendo fonte de incerteza para a economia mundial³³.

Embora Biden possa ser menos agressivo com a política comercial direcionada à China que Trump, ele repete muitos dos apontamentos do antecessor em relação às práticas comerciais da China e acusa o país de “roubar” propriedade intelectual e de fazer dumping de produtos nos mercados internacionais. Além disso, não abandonou de imediato a primeira fase do acordo comercial bilateral acertado em 2020 e não removeu as tarifas de 25% que hoje incidem sobre metade das exportações da China aos EUA³⁴.

O compromisso de Pequim de aumentar as compras de bens e serviços dos EUA no acordo comercial de 2020, teve fim no início de 2022. Durante esse período a China não cumpriu as metas estabelecidas, gerando um dilema para o governo Biden. Com base nos dados de comércio até novembro de 2021, a China ficou 17% abaixo da sua meta no setor agrícola, 41% abaixo da meta para o setor manufatureiro e 62% abaixo da meta para o setor de energia, segundo cálculos da Chad Bown do Peterson Institute for International Economics. Analistas comerciais afirmam que é improvável que Biden promova uma escalada das tensões com a China enquanto tenta domar a inflação e avançar em sua agenda interna. Apesar disso, mais recentemente, em junho de 2022, a secretária do Tesouro dos EUA, Janet Yellen, declarou que o governo Biden reavaliará a política de tarifas impostas aos produtos chineses para torná-las mais estratégica^{35,36}.

A relação entre Estados Unidos e China continua tensa. Além disso, o conflito entre a Rússia e a Ucrânia, adicionou um senso de urgência à mobilização contra a China. O governo americano colocou cinco empresas chinesas em uma lista que proíbe relações comerciais entre elas e companhias americanas. A justificativa para essa proibição é que as empresas chinesas estariam apoiando empresas militares e de defesa da Rússia antes e durante a invasão da Ucrânia. Nesse novo contexto, o objetivo das sanções econômicas é punir a Rússia, grande aliada da China³⁷.

³³ KAPADIA, R. Relação EUA-China seguirá conflituosa com Biden.

³⁴ JUN, Z.; SHUO, S. Biden deveria encerrar guerra comercial.

³⁵ ZUMBRUN, J. China descumpre meta acertada com Trump e impõe dilema a Biden.

³⁶ AGENCIAS INTERNACIONAIS. EUA estão reavaliando tarifas à China.

³⁷ VALOR ECONOMICO. EUA punem empresas chinesas por apoio militar à Rússia.

7. CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho foi abordar a racionalidade da política comercial protecionista americana e as consequências das medidas adotadas no governo Trump para a economia dos Estados Unidos. Inicialmente, revisamos historicamente o crescimento e transformação da potência chinesa e motivo pelo qual o país se tornou uma ameaça para a, até então, hegemonia americana, impulsionado principalmente pela abertura comercial liderada pelo governo de Deng Xiaoping em 1979.

Em 2008, a China tornou-se o segundo maior parceiro dos EUA no comércio de bens, correspondendo a 16,1% das importações chinesas. A economia do referido país exportou em torno de US\$ 400 bilhões, representando um aumento de cerca de 770% entre 1994 e 2007. O crescimento chinês surpreendeu a economia mundial com seu rápido desenvolvimento, a uma taxa real de 10%, nas últimas três décadas. Abordamos tal acontecimento com o entendimento de alguns fatores extremamente importantes para essa economia: a vantagem comparativa do baixo custo de mão de obra, a criação de zona econômicas especiais e a acumulação de capital.

A percepção do rápido desenvolvimento e do papel principal no comércio mundial alertou os Estados Unidos, gerando uma tensão comercial entre ambas as economias. No início de sua campanha eleitoral, Donald Trump, concorrente a presidência já deixava claro as suas preocupações com o déficit comercial, com a manipulação cambial e com os acordos comerciais americanos. Assim, após Trump assumir a presidência, o governo americano impôs tarifas de exportações sobre mais de 800 produtos chineses, em julho de 2018, totalizando US\$ 50 bilhões em tarifas. A China retaliou tal medida com o aumento de 5% das tarifas sobre mais de US\$ 60 bilhões de produtos.

Após o desenrolar da guerra tarifária, com ataques e contra-ataques de ambas as economias, uma trégua foi dada em 2019, quando Trump anunciou o cancelamento de US\$ 550 bilhões de tarifas dos EUA destinadas à China e US\$ 185 bilhões de tarifas da China destinadas aos EUA.

No quarto capítulo, analisamos algumas teorias econômicas que explicam a racionalidade teórica por trás do protecionismo comercial. Primeiramente, estudamos o modelo padrão de uma economia de negociação mundial, onde a mão de obra é capaz de migrar livremente entre os setores. Assim, uma sobretaxação em um produto é responsável por aumentar a produção dos produtos não taxados e os consumidores migram sua demanda para os produtos não taxados. Dessa forma, a demanda pelo produto não taxado aumenta o preço relativo dele, e como consequência, os termos de comércio melhoram à custa da sobretaxação aos concorrentes.

Observamos também, o caso das economias externas de escala, onde os ganhos de comércio são acima daqueles referentes a vantagem comparativa, uma vez que os efeitos da concentração da produção levam a um preço menor do que o anterior ao comércio. No entanto, o comércio baseado nas economias de escala pode levar o país a uma situação pior do que na sua ausência. Isso ocorre porque o país que consegue produzir o bem de forma mais barata tem incentivo para proteger sua produção da competição internacional,

visto que o preço do bem aumenta, devido ao maior custo de produção no mercado estrangeiro. Apesar de tal argumento ser válido, na prática a identificação das economias de escala não é simples.

Além dos modelos econômicos, abordamos também, teoricamente, os efeitos das tarifas aduaneiras. A imposição de tarifas implica algumas condições cruciais para a decisão de exportação, uma vez que o país taxado só terá incentivos de exportar se o preço na economia estrangeira for maior que na economia interna por pelo menos os custos do comércio. No entanto, a não exportação implica em um excesso de oferta, que tem como consequência uma queda do preço interno, e aumento da demanda no país estrangeiro, causando um aumento do preço.

Evidenciamos no último capítulo os efeitos das medidas protecionistas. Apesar ter ocorrido uma queda do déficit comercial no período do conflito comercial entre EUA e China, o nível ainda continuou maior que em 2016. Além disso, observamos que um dos principais efeitos da guerra tarifária foi o desvio comercial, processo o qual os importadores começaram a desviar sua demanda para outros países. Dessa forma, apesar de ter ocorrido uma queda do déficit entre essas economias, a demanda não deixou de existir, ela foi apenas redirecionada. Taiwan, México e a União Europeia foram os principais países responsáveis por absorver a demanda da economia americana. Enquanto Vietnã, Filipinas, Malásia e Cingapura absorveram a demanda chinesa. Além disso, em termos práticos, as tarifas impostas tiveram pouco impacto no crescimento de ambas as economias, visto que o valor das exportações entre eles é relativamente pequeno na composição do PIB.

Por fim, conclui-se que a política comercial protecionista americana teve efeitos negativos para ambas as economias, mas também para a economia mundial como um todo. O conflito entre os países ainda deve ser acompanhado de perto, visto que os recentes acontecimentos como a pandemia do Covid-19, o novo governo Biden e a guerra entre Rússia e Ucrânia são temas dinâmicos ainda em desenvolvimento e seus efeitos e impactos ainda não foram completamente observados na economia e assim, poderão transformar a relação entre as potências econômicas: Estados Unidos e China.

8. BIBLIOGRAFIA

- AGENCIAS INTERNACIONAIS. EUA estão reavaliando tarifas à China. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2022/06/09/eua-estao-reavaliando-tarifas-a-china.ghtml>>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- BARBOSA, Mateus R.S. I PLANO QUINQUENAL E A ASCENSÃO DA INDÚSTRIA NA CHINA. Anais da Caravana de 25 anos da ANPUH Pernambuco, Recife, PE, 2015. Anais da Caravana de 25 anos da ANPUH Pernambuco, 2015.
- BBC NEWS. Economia da China cresce no menor ritmo desde os anos 1990: por que isso pode afetar o Brasil? BBC News Brasil, 21 out. 2020.
- BBC NEWS. Por que os EUA consideram a Huawei uma ameaça à segurança nacional. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2018/12/por-que-os-eua-consideram-huawei-uma-ameaca-seguranca-nacional.html>>. Acesso em: 6 maio. 2022.
- BLOOMBERG. China derrota Trump na guerra comercial. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2021/01/16/china-derrota-trump-na-guerra-comercial.ghtml>>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- BRANDENBURG, A. C.; SAMBATTI, A. P. Discussão dos determinantes do investimento externo direto na China a partir dos anos 1990. Revista Ciências Sociais em Perspectiva, v. 7, n. 13, p. 69–87, 2008.
- BRYAN, W. M., Bob. China hits back at Trump with tariffs on \$60 billion of US goods. Disponível em: <<https://www.businessinsider.com/trade-war-china-to-retaliate-to-fresh-trumps-200-billion-tariffs-2018-9>>. Acesso em: 5 maio. 2022.
- CHINA’S TRADE DEVELOPMENT STRATEGY AND TRADE POLICY REFORMS: Overview and prospect, [S. l.], 2015.
- DA COSTA, Jales Dantas (org.). Capitalismo Histórico e Alternativas: diálogos com Análises dos Sistemas-Mundo. 1. ed. [S. l.]: Mídia Gráfica e Editora, 2016. 212 p. ISBN 978-85-7320-088-1.
- DE SANTANA, Cristiane Soares. Notas sobre a História da Revolução Cultural Chinesa (1966-1976). Revoluções no Século XX - nº 17, [s. l.], v. 17, 2009.
- DORN, D.; HANSON, G. H. The China Shock: Learning from Labor-Market Adjustment to Large Changes in Trade. Annual Review of Economics, v. 8, n. 1, p. 205–240, 31 out. 2016.

DOW JONES NEWSWIRES. Acordo com a China deve impulsionar PIB dos EUA, veem economistas. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/01/16/acordo-com-a-china-deve-impulsionar-pib-dos-eua-apontam-economistas.ghtml>>.

Acesso em: 29 jun. 2022.

HAVRÁNEKOVÁ, Michaela; DVORSKY, Tomás. The United States – China trade war. Policy Paper, January/2019

HERRERA, Rémy; LONG, Zhiming. O Enigma do Crescimento Chinês. Revista Pesquisa e Debate, São Paulo, v. 29, ed. 53, p. 8-22, 2018.

HILSENATH, J. Covid-19 abala legado econômico de Trump. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/10/20/covid-19-abala-legado-economico-de-trump.ghtml>>. Acesso em: 29 jun. 2022.

JUN, Z.; SHUO, S. Biden deveria encerrar guerra comercial. Disponível em: <<https://valor.globo.com/opiniao/coluna/biden-deveria-encerrar-guerra-comercial.ghtml>>. Acesso em: 29 jun. 2022.

KAPADIA, R. Relação EUA-China seguirá conflituosa com Biden. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2021/10/05/relacao-eua-china-seguira-conflituosa-com-biden.ghtml>>. Acesso em: 29 jun. 2022.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M.; MELITZ, M. J. International Economics: theory & policy. Harlow, England: Pearson, 2018.

LAMARQUE, K. Trump assina retirada dos EUA da Parceria Transpacífico - Exata News. Disponível em: <<https://exatanews.com.br/mundo-trump-assina-retirada-dos-eua-da-parceria-transpacifico-707417>>. Acesso em: 5 maio. 2022.

MCBRIDE, J.; CHATZKY, A. Is “Made in China 2025” a Threat to Global Trade? Disponível em: <<https://www.cfr.org/backgrounder/made-china-2025-threat-global-trade>>. Acesso em: 5 maio. 2022.

MENDONÇA, F.; LIMA, T. A política comercial dos Estados Unidos no governo Obama: heranças, estratégias e desafios. In: MORAES, R. C. C. de; MENEZES, H.Z. (Org.). A economia política do governo Obama. João Pessoa: Editora UFPB, 2017.

NICITA A. Trade Analysis Branch Division on International Trade and Commodities UNCTAD. Trade and trade diversion effects of United States tariffs on China Abstract Since mid-2018 the United States. Disponível em: <https://unctad.org/system/files/official-document/ser-rp-2019d9_en.pdf> Acesso em: 29 junho 2022.

NIKKEI ASIAN REVIEW. China recorre ao Sudeste Asiático em tempos de disputa com os EUA. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/01/15/china-recorre-ao-sudeste-asiatico-em-tempos-de-disputa-com-os-eua.ghtml>>.

NONNENBERG, M. J. B. (2010). China: estabilidade e crescimento econômico. Brazilian Journal of Political Economy, 30(2), 201-218.

- NONNENBERG, Marcelo Braga (org.), et al. O crescimento econômico e a competitividade chinesa. Rio de Janeiro, IPEA 2008.
- OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE. Economic and trade agreement between The United States Of America and the people's Republic Of China. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://ustr.gov/sites/default/files/files/agreements/phase%20one%20agreement/US_China_Agreement_Fact_Sheet.pdf#:~:text=On%20January%2015%2C%202020%2C%20the%20United%20States%20and>.
- PALUMBO, D.; DA COSTA, A. N. 5 gráficos para entender a guerra comercial entre China e EUA. BBC News Brasil, 13 jan. 2019
- PAUTASSO, D. et al. três dimensões da guerra comercial entre China e EUA. Carta Internacional, v. 16, n. 2, p. e1122, 1 jul. 2021.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. Os Estados Unidos de H. Bush a Donald J. Trump (1989/2017): Dinâmicas Políticas de Consenso e Polarização. Revista Esboços, Florianópolis, v. 24, n. 38, p. 339-359, dez. 2017
- PINTO, Eduardo Costa. China na Nova Configuração Global. Brasília: IPEA, 2011. A China na Nova Configuração Global – Impactos Políticos e Econômicos.
- RIBEIRO, Leila A GUERRA COMERCIAL ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA: UMA ANÁLISE ACERCA DA ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO GOVERNO TRUMP DIANTE DA ASCENSÃO CHINESA. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais. Universidade Federal de Sergipe: [s.n.].
- ROBERTO, P.; ALMEIDA, D. A economia internacional no século XX: um ensaio de síntese. As grandes tendências da economia mundial no século XX. [s.l: s.n.].
- SEVASTOPOULOU, D.; WILLIANS, A. Sem reduzir o déficit, Trump para de falar do comércio com a China. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/09/02/sem-reduzir-o-deficit-trump-para-de-falar-do-comercio-com-a-china.ghtml>>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- SHENG BIN. China's Trade Development Strategy and Trade Policy, 2015. Ft April 2015 Draft Paper Subject to final edit and design
- VALOR ECONOMICO. EUA punem empresas chinesas por apoio militar à Rússia. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2022/06/29/eua-punem-empresas-chinesas-por-apoio-militar-rssia.ghtml>>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- WESTCOTT, B. Conheça posições de Biden sobre a China, possível maior desafio de sua política. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/conheca-posicoes-de-biden-sobre-a-china-possivel-maior-desafio-de-sua-politica/>>. Acesso em: 5 maio. 2022.

WOLFFENBÜTTEL, Andrea. O que é? - Dumping. Disponível em:
<https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2090:catid=28&Itemid=23>.

ZHENG, Lu. O Caminho do Desenvolvimento Econômico chinês. In: BELLUCCI, Beluce (org.). Abrindo os Olhos para a China. Rio de Janeiro: Editora Universitária Candido Mendes, 2004. p. 75-99.